

Ano XXVI

RAÍZES

São Caetano do Sul | Maio de 2014

ESPECIAL





FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
HÁ 23 ANOS PRESERVANDO SUA HISTÓRIA

B
P
F
S
C
H



Biblioteca
Paul Harris
Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul
Centro de Documentação
Histórica



WWW.FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

• SÃO CAETANO



Capa de álbum do SCEC
da década de 1940

Acervo/Maria Thereza Rossi Lorenzini

ESPORTE CLUBE •



Nossa Capa

Paula Fiorotti _____

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul presta sua homenagem ao centenário São Caetano Esporte Clube e lança esta edição especial de *Raízes*. A imagem escolhida para ilustrar sua capa é de 1937, ano marcado pela inauguração do Estádio Conde Francisco Matarazzo e pela adesão do clube à Liga Paulista de Futebol. Na imagem vemos, em pé, a partir da esquerda: Romualdo, Manilli, Lino Gallo, Escovinha, Vinte e Sete, Bizzueta, o técnico Gallardo e o diretor Lauro Garcia. Agachados, a partir da esquerda, estão Moreno, Marinotti, Aurélio, Teixeira, Armandinho e o bandeirinha Chico Brusco.

Não é novidade que o futebol tem forte presença no cotidiano e no imaginário dos brasileiros, e em ano de Copa do Mundo, ainda mais tendo nosso país como sede deste campeonato, o amor pelo esporte está aflorado entre a população e também entre os responsáveis pela organização desta publicação. Para a escolha da imagem que ilustra a capa desta edição, entre várias outras opções também muito representativas, devemos confessar que fomos influenciados pela força verde e amarela do nosso esporte símbolo.

É fato que não podemos deixar de considerar a importância do clube para a convivência comunitária e a sociabilidade, como um espaço para a prática não somente de atividades esportivas, mas ainda culturais, sociais e de lazer, mas a atmosfera do registro fotográfico em destaque, com os jogadores em pose clássica, seus uniformes, o escudo evidente em suas camisas, carregando o orgulho em defender o time, nos arremessou diretamente para o campo da competição e do lazer, da arte e da diversão, do espetáculo e do esporte que é o futebol.

No mesmo ano da Copa do Mundo no Brasil, o São Caetano Esporte Clube completa 100 anos, e a Fundação Pró-Memória une a paixão nacional a um clube que mora no coração de muitos brasileiros sul-são-caetanenses!

PAULA FIOROTTI

É GRADUADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁS-
PER LÍBERO E TEM PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA
PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. É COLABORADORA DA FUNDA-
ÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E EDITORA DA REVISTA *RAÍZES*.

Ano
XXVI

RAÍZES

São Caetano do Sul | Maio de 2014

Edição Especial
Distribuição gratuita
Publicação da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

Tiragem desta edição:
1.000 exemplares
Maio de 2014

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula | CEP 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax (011) 4223-4780

COORDENAÇÃO GERAL
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO
Cristina Toledo de Carvalho
Paula Fiorotti
Marília Tiveron
Celso de Almeida Cini

CONSELHO EDITORIAL
Sonia Maria Franco Xavier – PRESIDENTE
Cristina Toledo de Carvalho
Renato de Alencar Dotta
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
Marília Tiveron
Mário Porfírio Rodrigues
Paula Ferreira Fiorotti
Roberta Sernagiotto Soares
Antônio Reginaldo Canhoni
Francisco José Gripp Bastos
João Alberto Tessarini
Fernando Scarmelloti
Jander Cavalcanti de Lira
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Roberta Giotto

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO
E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS
Antonio Reginaldo Canhoni

APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA
Monica Iafrate
Jussara Ferreira Muniz

CTP E IMPRESSÃO
Softgraf Serviços Gráficos

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identifica-
das publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

ACOMPANHA ESTA REVISTA CD, CEDIDO POR NARCISO FERRARI, COM ENTREVISTAS REALIZADAS EM 1999, PELO JORNALISTA ADEMIR MEDICI, PARA O LIVRO *UMA HISTÓRIA DE CAMPEÕES*, QUE COMEMOROU OS 89 ANOS DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE

Sonia Maria Franco Xavier

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE: 100 ANOS DE ATIVIDADES

Foi no dia 1º de maio de 1914 que nasceu, na pequena cidade de São Caetano, um clube esportivo e social, fruto do anseio de seus moradores em alegrar e divertir a população que vivia voltada ao trabalho nas olarias, nas carvoarias, na indústria incipiente, na São Paulo Railway, no cultivo das pequenas plantações e no trato com animais.

Como em muitas outras cidades, as aglomerações aconteciam junto à igreja, ponto de apoio e fé dos habitantes da cidade. As associações de mútuo socorro, como a Società Principe di Napoli e a Sociedade Beneficente União Operária, também foram muito importantes para encorpar a multidão. Neste cenário de muito trabalho e pouco lazer, surge o futebol. E consigo traz o gosto pela formação dos primeiros times, das disputas, e a ideia, ainda tímida, de se criar o primeiro clube esportivo e cultural.

No início era essencialmente voltado ao futebol, mas, aos poucos, com abnegado auxílio dos moradores, o São Caetano Esporte Clube foi crescendo e naturalmente abrindo espaço para outras modalidades esportivas. Concomitantemente, passou a diversificar também os ramos de atividades, contemplando também apresentações de música, dança, teatro e pequenos jogos de salão.

Para comemorar as incontáveis contribuições, bem como suas inesquecíveis conquistas edificadas ao longo desses 100 anos de história, contextualizando-as às características da cidade e

visando destacar a permanente importância deste clube para a população, a Fundação Pró-Memória lança uma edição especial da revista *Ratzes*, e abre espaço para pesquisadores e memorialistas relatarem suas histórias baseadas em documentos, fotos e lembranças.

Muitos colaboraram com suas memórias e pesquisas. Narciso Ferrari, incentivador desta publicação e ex-presidente do clube (no período de 1960 a 1965), convidou seus amigos para também participarem, e produziu quatro textos: *Curiosidades*, *A malfadada fusão*, *História de um craque* e *O que foi o futebol profissional do SCEC*.

Oscar Garbelotto, advogado e professor, faz uma minuciosa análise da importância do clube nas mudanças de hábitos e comportamentos da população; Ademir Medici, conceituado jornalista, usa interessantes relatos de moradores sobre o papel do clube em suas vidas, trazendo à tona depoimentos gravados na década de 1990 para a produção de um livro comemorativo dos 89 anos do clube; Mário Porfirio Rodrigues, jornalista e autonomista, escreve suas memórias; Roberto Munhoz, vice-presidente de Esportes do SCEC, exalta o importante papel do basquete; enquanto o atual presidente, Franer Natera Gonçalves, comenta a situação do clube em nossos dias. O poeta Claudio Braco brinda-nos com a história do SCEC em bonitos versos.

Muitas fotos e depoimentos enriquecem esta publicação, a qual esperamos corresponder às expectativas de nosso público cativo.

Boa leitura!



Casa de Paulo Perrella
(Rua Rio Branco), local
da realização da reunião
que marcou a fundação
do São Caetano Esporte
Clube, em 1º de maio
Acervo/Narciso Ferrari



pág

08



O São Caetano Esporte Clube nos dias atuais
FRANER NATERA GONÇALVES

pág

16

A malfadada fusão
NARCISO FERRARI

pág

26



A importância do São Caetano Esporte Clube na vida dos sul-são-caetanenses
MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

pág

32

O papel fundamental do São Caetano Esporte Clube na consolidação da sociabilidade local: lazer, cultura e inclusão feminina
OSCAR GARBELOTTO

pág

40

Cem anos do São Caetano Esporte Clube
CLAUDIO ROGÉRIO BRACO

pág

46



O que foi o futebol profissional do SCEC
NARCISO FERRARI

pág

52

História de um craque
NARCISO FERRARI

pág

58

Basquete: fazendo história desde 1934
ROBERTO MUNHOZ

pág

61

Vozes do Centenário - Eles contaram histórias e narraram episódios vividos no São Caetano Esporte Clube
ADEMIR MEDICI

pág

68

Você sabia que...
NARCISO FERRARI

pág

72



Memória Fotográfica

pág

78

Homenagem aos fundadores
Lista de presidentes do SCEC



Franer Natera Gonçalves



O SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE

NOS DIAS ATUAIS

Nas últimas décadas houve algumas mudanças de hábitos em nossa sociedade e pelo menos três delas foram cruciais para a vida dos clubes, fazendo com que os mesmos perdessem muitos de seus associados. O São Caetano Esporte Clube (SEEC) não ficou imune a elas.

A primeira foi uma alteração gradativa da paisagem urbana local, com o aumento do número de prédios comerciais e residenciais, estes últimos com estruturas de lazer similares às dos clubes. O hábito de muitas pessoas adquirirem casas no litoral e/ou no campo também contribuiu para o afastamento de associados. Outra mudança veio com o advento da internet. Lembro-me de quando, ainda jovem, passava a semana pensando no sábado e domingo, quando iria ao clube para ver e conversar com meus amigos e apreciar as garotas nas piscinas. Tínhamos uma boa convivência social no clube e praticávamos esportes.

Clube valoriza áreas de convivência social, oferecendo diversos quiosques, churrasqueiras e salão de festas com buffet para confraternizações

Hoje em dia, o jovem, ao acordar, muitas vezes ainda na própria cama, já está conectado e conversando com amigos nas redes sociais. Todas estas alterações de comportamento e transformações das cidades causaram uma diminuição na arrecadação dos clubes e, conseqüentemente, crises financeiras.

Nesse cenário vimos as últimas diretorias do SCEC e muitos outros clubes lutando para que suas portas não fossem fechadas. Foram dias difíceis e de grandes desafios e, em conseqüência disso, enfrentamos dificuldades em manter nossos patrimônios conservados.

Dentro deste panorama, a atual diretoria do clube, eleita pelo conselho deliberativo, presidido por Antonio Roveri, tomou posse com uma clara missão: iniciar a revitalização do SCEC em todos os aspectos possíveis – patrimonial,

administrativo e no seu quadro social. Mas fomos além disso, compondo uma diretoria com membros jovens e que estão sendo preparados para administrar o clube nas próximas décadas.

Os esforços para cumprir com esta missão já são visíveis e o atual patrimônio do clube já se apresenta em condições mínimas de uso pelos associados, que buscam a prática de esportes, lazer e vida social saudável para seus filhos e familiares. Atualmente o SCEC conta com cerca de dois mil sócios. Depois da revitalização do piso do parque aquático percebemos um aumento na frequência, principalmente nos dias ensolarados. As pessoas ocupam as piscinas para praticar esportes aquáticos ou em busca de um belo bronzeado. Nas quadras e campos de vôlei, tênis, basquete e futebol, a pre-

sença de associados é bastante regular durante todo o ano. As melhorias terão continuidade com incrementos nas áreas de convivência, como a compra de novos ombrelones e guarda-sóis, a recuperação dos jardins e novos equipamentos de aquecimento para o inverno.

A atual estrutura do local possui cinco quadras de tênis, quatro piscinas, dois campos de futebol, dois ginásios poliesportivos, amplos vestiários, área de convivência social e inúmeros quiosques e churrasqueiras para confraternizações e comemorações. Tudo em um terreno de aproximadamente 30 mil metros quadrados, com muita área verde preservada. Com uma situação financeira e patrimonial saudável, nosso querido São Caetano Esporte Clube, o clube mais tradicional de nossa cidade, está pronto para o próximo século de existência. **R**

São Caetano Esporte Clube oferece diversos espaços de recreação e prática de atividades físicas. Na foto, associados participam de jogo de futebol

Acervo/São Caetano Esporte Clube



Acervo/São Caetano Esporte Clube

Em dias de calor, associados podem desfrutar do parque aquático do SCEC, composto por piscinas ao ar livre e toboágua

Acervo/São Caetano Esporte Clube

Fachada atual do São Caetano Esporte Clube



01



02



03



01

Para aqueles que preferem atividades em espaço coberto, clube oferece áreas para jogos, como buraco e tranca

02

Campeonato de duplas da Liga ABC de Tênis, de 2013, 2ª e 3ª classe, medalhas de ouro e prata. Da esquerda para direita, aparecem Roberto Munhoz, Rafael Madrona, Justino Di Lullo, Franer Natera, Giuliano Carlo Rainatto e Filipe Cabrera

03

Premiado, time de vôlei do São Caetano E.C. treina no ginásio poliesportivo do clube



Foto coletiva da confraternização de final de ano dos sócios do São Caetano Esporte Clube, realizada em dezembro de 2013

Conselho Administrativo

PRESIDENTE

Franer Natera Gonçalves

VICE-PRESIDENTE

José Augusto Pereira

SECRETÁRIO

Marcelo Amaro

VICE-PRESIDENTE DE FINANÇAS

Rodrigo Terezinho Pires

VICE-PRESIDENTE JURÍDICO

Dr. Diogo Roveri

VICE-PRESIDENTE SOCIAL

Margarete Burgos

VICE-PRESIDENTE DE ESPORTES

Roberto Munhoz

VICE-PRESIDENTE DE PATRIMÔNIO

Liberal Ramos Jr.

DIRETOR DE FUTEBOL

Reginaldo José Ferreira

Conselho Deliberativo

PRESIDENTE

Antonio Roveri

VICE-PRESIDENTE

Gilberto Gil Serrano



Quiosque da área de convivência do São Caetano Esporte Clube

FRANER NATERA GONÇALVES
É O ATUAL PRESIDENTE DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE.

Imagem de uma das cinco quadras de tênis do clube



ESPORTES

S. CAETANO E. C. x

SERRANO F. C.

Domingo p. p. rumou com de
no ao Alto da Serra o forte conj
ê do S. Caetano E. C. que foi di
ar um jogo amistoso com o Se
no F. C. daquela localidade.

Apezar de desfaleado de alguns
eus bons elementos o S. Ca
E. C. resistiu valentemente a
ear contendor sendo vencido
core de 1 a 0.

1961

Narciso Ferrari

Acervo/Narciso Ferrari



Homenagem prestada, em 1949, à equipe campeã do Interior de 1928. Em pé, a partir da esquerda, Luiz Martorelli, Pedro José Lorenzini, Jacob João Lorenzini, Gallo, João Nicolau Braido (Paraná), Germano Miazzi, Eduardo Lorenzini, Luiz Mantovani, D'Agostini, filho do goleiro Sule (Jesus Luccas) e Nelson Fiorotti. Agachados, a partir da esquerda, José Moura, Henrique Lorenzini, Paulo Zanella, Batista Mantovani, Estansláu Spagnuolo, Antônio Guerreiro e Manoel Linhan (Chiquitin)

A MALFADADA FUSÃO

A PÓS A FUNDAÇÃO DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE (SCEC), NÃO EXISTIA LIGA PARA DISPUTAR O CAMPEONATO DA CIDADE. ATÉ 1922, O CLUBE JOGAVA AMISTOSAMENTE, SERVINDO-SE DE UM TERRENO DE PROPRIEDADE DA FAMÍLIA MIAZZI, SITUADO NA RUA HELOÍSA PAMPLONA, ONDE SE LOCALIZA HOJE O ANTIGO GRUPO ESCOLAR SENADOR FLAQUER (ATUAL EMEF).

Mas o clube progredia e, nesse mesmo ano, o abnegado sócio Prudente Noé, um engenheiro belga que possuía uma marmoraria na Rua 28 de Julho e era morador do Bairro da Fundação, cedeu o terreno onde funcionara seu estabelecimento comercial, atrás de um antigo depósito de bebidas. O campo do SCEC contava com uma pequena arquibancada, vestiários, era cercado por ripas e muro até o vizinho Clube Esportivo Lazio.

Em vista disso, o clube filiou-se à Associação Paulista de Esportes Atlético (APEA) e começou a disputar a segunda divisão, chegando a sagrar-se vencedor do Campeonato do Interior em 1928, em final disputada com o Botafogo de Ribeirão Preto no campo do Clube Atlético Silex, no Bairro do Ipiranga, vencendo por 2 a 0.

As Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo adquiriram o terreno para aumentar suas instalações, entretanto Prudente Noé exigiu indenização em bens materiais para que o clube pudesse edificar sua nova praça de esportes em terreno comprado de Joana Caviana, na Rua Paraíba, para

pagamento em prestações no prazo de 10 anos, construindo assim o estádio, cujo nome era Conde Francisco Matarazzo, com arquibancada coberta para 600 pessoas, cercado com ripas, murado, com espaço para estacionamento de veículos, enfim, ideal para a segunda divisão.

Este estádio foi inaugurado em 1º de maio de 1937, em jogo contra uma seleção da APEA. Como em 1935 o futebol profissional foi organizado em São Paulo, partidas memoráveis foram disputadas nesse local contra grandes clubes da capital, amistosamente, além da realização de campeonatos da segunda divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol (FPF) e do campeonato amador da Liga Paulista de Foot-Ball.

O SCEC só não foi fundador da FPF, porque acompanhou a Associação Portuguesa de Desportos, que participava da APEA e, no dia da eleição, a Lusa votou na FPF, deixando o SCEC de mãos abanando. Se não fosse por isso, seria o fundador da federação. No campeonato da divisão intermediária, o São Caetano alcançou diversas vitórias. O clube progredia, com uma sede social na Rua Perrella, inaugurada em 9 de dezembro de 1933, em prédio de propriedade da família Lorenzini, deixando a antiga sede da Rua 28 de Julho, de propriedade de Maximiliano Lorenzini. Sob a presidência de Armelindo Franchini, o clube ingressou na segunda divisão de profissionais da FPF, sendo fundador desta divisão.

O SCEC disputou o Campeonato Paulista da segunda divisão por seis anos, fazendo campanha com bastante êxito, tanto é que em três anos classificou-se para o quadrangular final para subir para a primeira divisão, a elite do futebol. No final deste período, a Federação Paulista de Futebol não permitiu que o São Caetano mandasse os jogos em seu campo, usando assim o Estádio do Clube Atlético Juventus até

que o SCEC fizesse as reformas necessárias em sua praça de esportes, com instalações de banheiros para jogadores e árbitros e a construção de alambrados. Como a diretoria do clube estava sem possibilidades financeiras, por depender sempre de cinco ou seis diretores que colaboravam, entre eles, Francisco Marinotti, João Nicolau Braido, Leonildo Morselli, Silvério Manilli, e, eventualmente, Walter Braido e Rolandi Plínio Dall'Antonia, não teve outra saída, senão paralisar o futebol profissional.

Nesse impasse, apareceu, então, uma oportunidade de fusão com o Comercial Futebol Clube, que disputava a primeira divisão de profissionais (apesar de não ter estádio próprio, o Comercial fazia parte da elite paulista). Assim começaram os entendimentos entre Anacleto Campanella, então prefeito da cidade, Hermógenes Walter Braido, presidente do SCEC, e o capitão Rafael Oberdan de Nicola, do Comercial. Foi assinada a fusão em 17 de fevereiro de 1954. A nova agremiação, resultado desta união, passaria a ser chamada de Associação Atlética São Bento.

A praça de esportes da Rua Paraíba foi vendida. A prefeitura desapropriou a área da família Gizela Heinsfurter, construiu rapidamente o estádio e o doou para a Associação Atlética São Bento. O presidente da diretoria era o capitão Rafael Oberdan de Nicola e a presidência do conselho deliberativo ficou com o prefeito Anacleto Campanella.

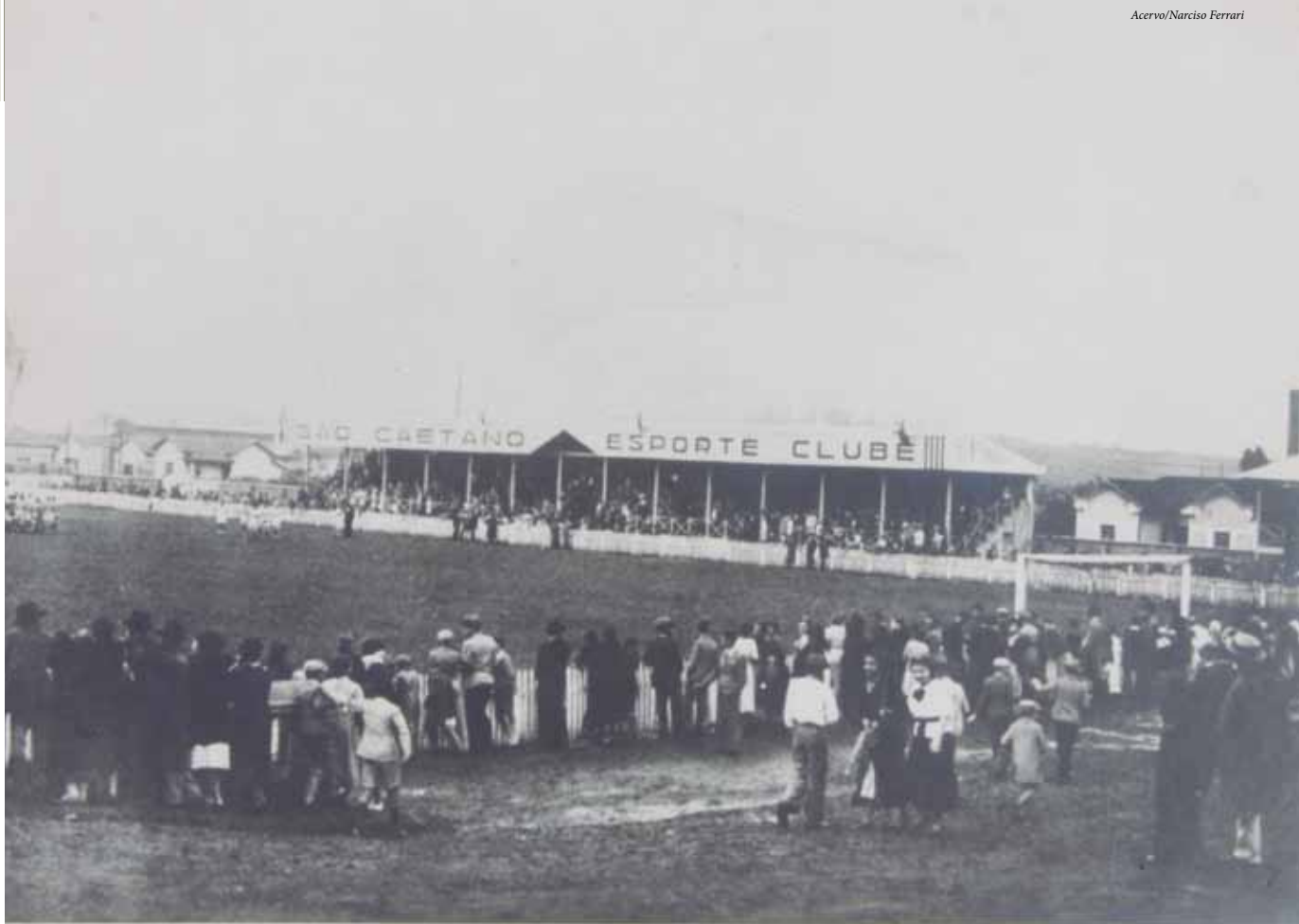
Durante os jogos oficiais no estádio inaugurado que recebeu o nome do então prefeito, um grupo começou a fazer campanha contra o nome do homenageado, torcendo para os times adversários. A oposição aumentava a cada dia. Alguns episódios marcaram esta fase, como quando o goleiro Oceania, do C.A. Juventus, da equipe de aspirantes, bateu um tiro de meta e marcou um gol, ajudado pelo forte vento que soprava no estádio (daí o apelido

dado ao local, pela imprensa paulista, de *Morro dos Ventos Uivantes* – nome de um filme da época). Outro fato marcante foi um jogo entre o SCEC (A.A. São Bento) e o Corinthians Paulista, dentro da Taça dos Invictos do futebol paulista. Santos e Corinthians estavam empatados e bastava uma vitória de um dos dois times para alcançarem o o título.

Na partida com o Corinthians, o primeiro tempo terminou em 2 a 0 para o time de São Caetano. Conta-se que no intervalo do jogo, o técnico do SCEC Milton Medeiros (Canhotinho) não pôde entrar no vestiário, e que o jogo terminou em 3 a 2 para o Corinthians, que ficou com a taça. O caso teve grande repercussão na imprensa.

Nas eleições seguintes, Oswaldo Samuel Massei se elegeu prefeito e Anacleto Campanella, deputado estadual. O então prefeito, certa vez, deu uma entrevista à *Gazeta Esportiva* e afirmou que a cidade queria de volta o São Caetano Esporte Clube e que ele conseguiria 5 mil sócios na hora. Campanella reuniu-se com os conselheiros do São Caetano e foi para a sede do Comercial F.C., onde foi desfeita a fu-

Inauguração do estádio da Rua Paraíba, em 1º de maio de 1937. Denominado Conde Francisco Matarazzo, possuía arquibancada coberta com capacidade para 600 pessoas, além de espaço para estacionamento de veículos. A partida contra os veteranos paulistas da APEA foi o jogo inaugural nesse campo



INAUGURAÇÃO DO CAMPO S.C.E.C. - 1/5/37. S.C.E.C. - J. Laposinha L.

*Crédito/Revista da Administração Anacleto Campanella (1953-1957)
Reprodução Fotográfica/Antônio Reginaldo Canhoni*

Estádio Anacleto Campanella, construído pela municipalidade e doado à Associação Atlética São Bento. Foi inaugurado em janeiro de 1955



são que só poderia ser aprovada com 50% mais 1, dos conselheiros. A cisão foi oficializada em 18 de dezembro de 1957 e comemorada por muitos.

Com isso, restou para o clube um passivo enorme. O SCEC ficou sem o estádio e com uma dívida de 1,5 milhão de cruzeiros, em 1957, com a Companhia Antartica Paulista por rompimento de contrato, valor que fora doado pela concessão de seus produtos. Para a prefeitura, o clube também devia 1,5 milhão de cruzeiros, e para o Estado, aproximadamente 10 milhões, referente ao Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis Intervivos (ITBI).

Houve uma assembleia no SCEC para eleger o novo presidente. Nicolino Puccetti, que não era sócio do clube, foi eleito, mesmo estando fora do país. Quando voltou da Argentina, recebeu a notícia. O clube disputou a segunda divisão sem público, sem dinheiro, sem nada e, logicamente, fez uma campanha regular, pois somente disputou o campeonato com jogadores da várzea local. Seis meses antes do término de seu mandato, Puccetti licenciou-se, sendo substituído por Horácio Pires, ex-presidente do Clube Comercial.

Ninguém queria ser presidente do São Caetano. O conselho ficou em reunião permanente por dois meses, até que uma comissão de conselheiros e antigos diretores foi à residência do prefeito Massei para entregar a chave do clube. Comissão essa composta por Francisco Marinotti, Francisco Falzarano, Lázaro de Campos, Antonio Meloni, João Paschoal Bonaparte, Narciso Ferrari e Hermógenes Walter Braidó. Depois de muita conversa, o prefeito disse que daquela reunião tinha de sair um presidente. A escolha recaiu sobre meu nome, Narciso Ferrari.

Eu disse aos presentes que se todos me apoiassem aceitaria o cargo, desde que o prefeito desse o estádio de volta ao SCEC e perdo-

asse a dívida que o clube tinha com a municipalidade. Massei, na presença de todos, concordou. Como o conselho deliberativo estava em reunião permanente, na semana seguinte fui eleito oficialmente por unanimidade e hoje sou o único sobrevivente dessa fusão.

Nessa noite começava uma jornada para enfrentar alguns problemas, já anteriormente citados, mas que listo abaixo:

- 01) Dívida com a Companhia Antartica Paulista de 1,5 milhão de cruzeiros, contraída em 1957;
- 02) Dívida com a Prefeitura Municipal de 1,5 milhão de cruzeiros, contraída em 1958;
- 03) Devolução do estádio para o São Caetano Esporte Clube;
- 04) Dívida com o Estado, referente ao ITBI, de cerca de 10 milhões de cruzeiros, cujo pagamento não foi efetuado na cessão do estádio para a A. A. São Bento, em 1955. O departamento jurídico da prefeitura entendia que a cessão não estava sujeita ao pagamento, graças a uma liminar concedida ao clube e que, posteriormente, foi cassada pela Justiça;
- 05) Pequenas dívidas com o comércio local, com o Esporte São Paulo, de Guilherme Giovanelli, Casa Weigand e Casa Carioca Ltda., das quais conseguimos anistia.



Flagrante de um baile em 1956, em plena vigência da fusão com o Comercial. Destaque para as faixas junto ao palco, alusivas à A.A. São Bento

No decorrer de todo esse processo, não posso deixar de citar a colaboração que tive por parte de Francisco Marinotti e Airtton Sigolo, vice-presidente da diretoria, na resolução de todos os problemas sobre os quais comentarei com mais detalhes a seguir.

Durante a construção do estádio, a Cia. Antartica Paulista emprestou à A.A. São Bento a quantia de 1,5 milhão de cruzeiros em troca de vendermos seus produtos, com exclusividade, por 20 anos. Como houve quebra de contrato (com a cisão), o SCEC ficou responsável pela dívida. Como eu era contador da firma Garbelotti & Cia Ltda., concessionária dos produtos da Antartica, mensalmente tinha de comparecer à sede da empresa a fim de conferir o valor da comissão a ser paga à revendedora.

Fiz contato com os advogados da Cia. Antartica Paulista, esclarecendo que o SCEC não tinha como pagar a dívida, por meio de defesa verbal e escrita. Muito colaborou com o clube a família Garbelotti, pois o seu depósito tinha um conceito elevado na companhia. A empresa dos Garbelotti era considerada a quinta maior vendedora dos produtos da marca em toda região da Grande São Paulo. Depois de 18 meses de nossas justificativas ao departamento jurídico, os diretores da Cia. Antartica entenderam a situação precária do clube e resolveram cancelar a dívida sob a promessa de que, futuramente, se o estádio voltasse ao patrimônio do São Caetano, teríamos a responsabilidade de vender somente seus produtos. E foi assim nossa primeira vitória.

A luta pela devolução do estádio e a busca pelo perdão da dívida de 1,5 milhão de cruzeiros junto à prefeitura foi objeto de cobrança nossa, quase que diária, ao prefeito Oswaldo Massei. A promessa era sempre a mesma: “No próximo mês, veremos!”

O vice-prefeito Lauro Garcia, que fora presidente do clube na década de 1940, nada pôde fazer, pois havia rompido politicamente com o prefeito. O tempo passava e nada era resolvido, até que houve eleição da Câmara Municipal, quando foi eleito presidente Jaime da Silva Reis, e Lauriston Garcia como 1º secretário, inimigo do prefeito Massei, mas ambos, meus amigos.

Certo dia, no bar do Cine Vitória, Lauriston Garcia disse que o Legislativo não iria colaborar com os projetos do Executivo, caso não fossem enviados à Câmara projetos de lei que devolvessem o estádio ao clube e cancelassem a dívida. E assim, por três vezes,

as sessões foram encerradas antes do tempo. O presidente da Câmara convidou-me para explicar a situação do clube aos vereadores. Todos, com exceção de Altamiro Dias da Motta, nos apoiaram totalmente.

Apesar de certa resistência por parte do prefeito, conseguimos a aprovação de dois projetos na Câmara, um deles que devolvia a sede ao clube e o outro, que cancelava a dívida. Só que o estádio devolvido estava completamente abandonado: muros caídos, sem guarda municipal, sem água, sem manutenção, sem nada! Parecia até o filme *Últimos dias de Pompeia*.

Fomos até o Comercial F.C. pedir ao se-

**Apesar de certa
resistência por
parte do prefeito,
conseguimos a aprovação
de dois projetos na
Câmara, um deles
que devolvia a sede ao
clube e o outro, que
cancelava a dívida.**

nhor Oberdan de Nicola os troféus, diplomas e demais pertences do escritório da sede do SCEC. Ele afirmou que devolveria somente na presença de Joseph Fuchs, Hermógenes Walter Braidó, Lauro Garcia, Oswaldo Massei ou Jacob João Lorenzini. Logo depois, licenciou-se do cargo, pois assumiria vaga como deputado estadual. Mas depois que Álvaro Naum, meu amigo, que era técnico do Comercial F.C., intercedeu pelo clube e falou com o presidente interino, Jayme Borthman, conseguimos ter de volta os pertences do clube.

Eu e Airton Sigolo fomos buscar no Comercial tudo o que era do SCEC.

Finalmente, a solução da dívida com o Estado foi bem mais complicada, pois dependia de lei específica que cancelasse o débito anterior e o atual, relativo à devolução do estádio para o SCEC. Plínio de Assis, diretor jurídico da prefeitura, e o ex-prefeito e então deputado Anacleto Campanella foram comigo

ao SCEC. Campanella argumentava que a doação era ilegal, pois quando o estádio foi doado à A.A. São Bento, na sua gestão como prefeito, havia um artigo no contrato que dizia: “Em caso de cisão, o imóvel reverterá ao patrimônio público, sem indenização”. Mas os dois entraram em acordo. No dia seguinte, fui à prefeitura com Airton Sigolo para falar com Dr. Plínio, que afirmou que não nos receberia mais.

E assim minha caminhada continuou com Sigolo, agora junto à Federação Paulista de Futebol, para falar com seu presidente, João Mendonça Falcão, e na Secretaria da Fazenda do Estado. Tivemos uma reunião que foi sim-

plesmente caótica, desanimadora e sem apoio de ninguém. Mais tarde, recebi um convite do presidente do Esporte Clube Taubaté, Joaquim de Moraes Filho, para comparecer à FPF para tratar do assunto: “Clubes que deviam impostos ao Estado”. Outros presidentes de clubes devedores também participaram do encontro, entre eles Waldemar Pires, do Paulista de Jundiaí, e o presidente da Associação Esportiva Velo Clube de Rio Claro. Antes disso, eu havia feito um requerimento por escrito à FPF contendo pedido

de licença por tempo indeterminado do SCEC na segunda divisão. Depois de ler, João Mendonça Falcão ficou abismado e disse que a dívida do clube era de 30 mil cruzeiros e que já estava perdoadada, pois a federação sabia que não havia como o clube efetuar o pagamento.

O presidente do Taubaté já apresentou pronto um projeto de lei que isentava os clubes de impostos para aquisição de praças esportivas e aproveitou para encerrar dívidas anteriores. Nesta altura, o diretor jurídico do São Caetano, Oscar Garbelotto, apresentou defesa junto ao Estado para cancelamento da dívida. Eneas Chiochetti, diretor jurídico da prefeitura fez, para o clube, idêntico pedido. Falcão solicitou isenção e cancelamento da dívida e pediu o comparecimento de outros presidentes de clubes para levarmos para ele, na Assembleia Legislativa, os respectivos pedidos.

Como havia inúmeros clubes na mesma situação e politicamente iria agradar às cidades envolvidas, a lei foi aprovada e o SCEC foi beneficiado duplamente. Mas a nossa caminhada

**O prefeito, então,
ofereceu três espaços
ao SCEC, (...)
Uma das opções
era um terreno na
Rua Ceará, de
propriedade da
família de
Guilherme Giorgi**

ainda não havia terminado.

Nas eleições municipais seguintes, Anacleto Campanella elegeu-se prefeito. Um de seus primeiros atos foi a desapropriação do estádio que era do São Caetano Esporte Clube, pois, para ele, o clube não tinha condições de manter a área. O prefeito, então, ofereceu três espaços ao SCEC, além de uma indenização de 20 milhões de cruzeiros. Uma das opções era um terreno na Rua Ceará, de propriedade da família de Guilherme Giorgi (onde o clube está até hoje). Teríamos 15 dias para resolver. Consultamos o promotor público da primeira vara de São Caetano, Gastão Maia de Carvalho, sobre o assunto.

Considerando que não havia provas da aplicação do dinheiro da venda de seu antigo estádio na A.A. São Bento, que o São Caetano não tinha condições de fazer as reformas necessárias em seu espaço e que a prefeitura não havia feito concorrência pública aos demais clubes da cidade interessados, além de levar em conta a cláusula do contrato de doação entre prefeitura e A.A. São Bento que rezava que “em caso de cisão, o imóvel reverterá ao patrimônio público, sem direito à indenização”, Carvalho propôs que fosse aceita a oferta da prefeitura. E assim foi feito. Reunidos, os conselheiros do clube e uma comissão nomeada pelo prefeito Campanella (José Alt, Leonardo Sperate, Valfredo Brandão e Milton Feijão) aprovaram a proposta.

Podemos chegar à conclusão que, após 60 anos de clube, as questões políticas realmente influenciaram a trajetória do São Caetano Esporte Clube, muitas vezes esquecido pelas autoridades. Mas com a ajuda, o empenho e a colaboração de pessoas determinadas e apaixonadas por ele, o SCEC trilhou um caminho de sucesso, transformando-se em uma das mais tradicionais agremiações esportivas e recreativas de nossa região. **R**

Chapa para a eleição dos conselheiros e suplentes para o exercício de 1954

CHAPA REALIZADORA

Conselheiros efetivos

Dr. Adriano Duarte, João Nicolau Braido, Alesimico Savioli, Antonio Caparroz Guevara, Antonio Lorente, Armando Chagas, Arthur Garbelotto, Daniel Giardullo, Frugole Lorenzini, Hassar Catrip, Hermínio Jacob Lorenzini, Embriani Paolone, Jaime Pereira, Joaquim Carlos, José Garrido Lourenço, José Mombeli, Leonildo Morselli, Rubens Darré, Sebastião Zimmerman e Silvério Manilli.

Conselheiros suplentes

Abdias Fenício, Abílio Morselli, Angelo Aparecido Radim, Angelo Marinotti, Hermógenes Walter Braido, Julio Gardezani, Mário Porfírio Rodrigues, Narciso Dario, Narciso Ferrari e Oswaldo Mostaço.



Campo do São
Caetano Esporte
Clube, na Rua
28 de Julho, em
foto de 1932

Mário Porfírio Rodrigues _____

A IMPORTÂNCIA DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE NA VIDA DOS SUL-SÃO-CAETANENSES

Lembro com saudade do Bairro da Fundação, onde fomos residir na pequena cidade que nos acolheu com muita simpatia, em 1930. São Caetano, sub-distrito de Santo André, não tinha rua calçada, nem água, esgoto, pronto-socorro ou mesmo hospital, mas os habitantes, formados na maioria por italianos, supriam essas faltas. Todos se conheciam e viviam como se fossem uma só família. Trabalhavam seis dias por semana nas indústrias locais, com predominância no Grupo Matarazzo, que era o maior empregador do município.

Aos domingos, a recreação dos homens era o futebol, praticado em vários terrenos baldios que se transformavam em campos. As residências eram poucas e apenas um ou outro sobradinho era encontrado, havendo muitas áreas de sobra para a prática desse esporte popular. Os clubes existentes se defrontavam nesses campos abertos e era grande o comparecimento dos sul-são-caetanenses.

Em 1929 surgiu o Brasil Futebol Clube e, no mesmo ano em que chegamos à cidade, por coincidência, foi fundado o clube Tropicana mas não caiu, que mais tarde se transformou no Clube Esportivo Lazio. Mas nenhuma dessas entidades do Bairro da Fundação, nem outras que surgiram em outros bairros, como o Monte Alegre Futebol Clube, conseguiram igualar-se à agremiação que já existia 15 anos antes deles aparecerem e que, em 2014, está comemorando o seu centenário.

O São Caetano Esporte Clube foi fundado no dia 1º de maio de 1914. Sua sede era na Rua 28 de Julho. Era também neste endereço que estava situado o seu campo de futebol. As lutas dos dirigentes dessa associação, os campeonatos e as brilhantes vitórias obtidas nos seus 100 anos de existência serão abordados por articulistas mais especializados do que eu nessa matéria. Meu destaque é para outro papel, muito importante, desempenhado pela agremiação na vida da população sul-são-caetanense.

Dos mais novos aos mais velhos habitantes, todos reconheciam, nesse clube, o lídimo representante da cidade no campo esportivo. A este respeito, o advogado e escritor Manoel Claudio Novaes escreveu em outubro de 1987: “Curioso que a garotada não trocava o futebol pelo cinema, o que me parecia coisa incrível. Preferia antes assistir aos jogos do São Caetano Esporte Clube quando jogava em seu campo. Depois do primeiro tempo de jogo, o portão era aberto e a meninada entrava para torcer pelos seus ídolos: Ettore Manilli, José Tardini, João Perrella, João Nicolau Braido (Paraná), Baptista, Galhardo, os irmãos Henrique e Eduardo Lorenzini, Spagnuolo, Zanella, Guerreiro, Pacheco, Américo Garcia e tantos outros”.



Comemoração de Sábado de Aleluia no São Caetano Esporte Clube, em 1934. Na ocasião, um casamento fictício foi organizado pelo chamado Bloco dos Livres (grupo de 13 amigos que assim se denominavam, pois nenhum tinha namorada). Em destaque, os participantes da brincadeira. À esquerda, os padrinhos Antônio Naranjo e Linda Molinari. Atrás desse casal, Francisco Adelino Fiorotti e João Dal'Mas (de chapéu maior). Ao centro, os noivos Reinaldo Lodi e Colletta. Na sequência, os padrinhos Carmela Capuano e Adelino Gallo. As crianças, ao centro, são Ítalo Dal'Mas e Norma Marcucci





Solenidade de apresentação do *Jornal de São Caetano*, realizada no São Caetano Esporte Clube, em 1946. Sentados, a partir da esquerda, Mário Porfírio Rodrigues, Bernard Dubois, Walter Thomé, professor Osmar Pimentel, Antônio D'Angelo Neto, Luiz Rodrigues Neves, José Aboláfio, professor Leonídio Alegretti, Mário Dal'Mas e Ítalo Dal'Mas. Em pé, dentre os que foram identificados, estão Mário Bortoletto, Joaquim Rodrigues Neves, José Del Poente, Lauro Garcia (encoberto), José Homem de Bittencourt, Cláudio Perrella, Paulo Gonçalves Pereira, João Dal'Mas, Jacinto Rodrigues, Arlindo Marchetti, Ettore Dal'Mas e Mário Menin

Para os jovens, além do futebol, o clube oferecia basquete, lutas de boxe, pedestrianismo, pingue-pongue, teatro, festas juninas, de carnaval, de Natal, réveillons e as inesquecíveis reuniões dançantes vespertinas, aos domingos, e noturnas, aos sábados. Nesses bailes muitos casais se conheceram, dançaram, namoraram, casaram e formaram respeitáveis famílias. Artistas de teatro, de rádio e radionovelas estiveram em festivais promovidos pelo clube, para delícia dos sul-são-caetanenses.

Quando eu e meus colegas planejamos o lançamento oficial do primeiro número do *Jornal de São Caetano*, foi no palco do respeitado São



Primeiros meses de 1948, assembleia da Sociedade dos Amigos de São Caetano, na sede do São Caetano Esporte Clube, na época, situada na Rua Perrella. A pauta da reunião foi a discussão do apoio ao movimento autonomista. A maioria dos associados votou a favor da adesão. A assembleia foi presidida pelo professor José Bonifácio Fernandes (em pé, de costas), que foi secretariado por Firmino Garbelotti (sentado, de costas, à esquerda) e Accácio Spachacuercia (de costas, à direita). Aparecem também, na imagem, Luiz Rodrigues Neves, Mário Porfírio Rodrigues, Jordano Pedro Segundo Vincenzi, Oswaldo Giampietro, dentre outros líderes autonomistas

Caetano Esporte Clube que, em julho de 1946, realizamos essa solenidade. Da mesma forma, ao ser aprovada pela Assembleia Legislativa de São Paulo a realização do plebiscito de 24 de outubro de 1948, foi para a sede desse mesmo clube, na Rua Perrella, que nos deslocamos desde a Câmara Estadual, com vários deputados, para festejar, com discursos inflamados, esse grande acontecimento que libertou nossa cidade do município de Santo André, garantindo-nos vida político-administrativa municipal autônoma.

As posturas dessa agremiação influenciaram indubitavelmente, de forma decisiva, o progresso e a obtenção do título que conquis-

tamos, de município com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil. É natural, portanto, que toda a população sul-são-caetanense demonstre a sua gratidão, cumprimentando e desejando vida longa ao, agora, centenário São Caetano Esporte Clube! **R**

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
NOVAES, Manoel Claudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.

MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

FOI FUNDADOR DO *JORNAL DE SÃO CAETANO* E DO HOSPITAL SÃO CAETANO. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Oscar Garbelotto

O PAPEL FUNDAMENTAL DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE NA CONSOLIDAÇÃO DA SOCIABILIDADE LOCAL:

LAZER, CULTURA E INCLUSÃO FEMININA

Ao longo de sua história centenária, o São Caetano Esporte Clube instalou-se em alguns diferentes endereços. Na imagem, o prédio que o abrigou na Rua 28 de Julho



Acervo/Oscar Garbelotto

Os passos iniciais da jovem cidade - Nos primórdios dos anos 1900, São Caetano seguia seu lento e incerto trajeto em direção ao futuro. Administrativamente, não passava de mero apêndice de São Paulo e, depois, de São Bernardo do Campo. A assistência religiosa, tão importante aos moradores da pequena vila, somente tornou-se mais frequente a partir de 1912, com a vinda do padre Luiz Capra. A vida transitava em torno da velha igreja por meio de atividades religiosas e das festas anuais tão bem organizadas: as quermesses

que marcavam o dia do padroeiro, São Caetano.

Nas casas, comemorava-se, principalmente, o Dia de Santo Antonio, santo predileto das famílias italianas. Não havia clubes e nem bailes, apenas algumas pequenas e singelas reuniões ao som do Bepo da Sanfona ou de algum outro sanfoneiro. Geralmente isso acontecia em casamentos.

Maria Scarparo, neta de Luigi e Joana D'Agostini, nascida em 1902, afirma, no artigo *A paixão pela cidade: memórias de Maria Scar-*

paro, publicado na revista *Raízes* nº 8 (dezembro de 1992): “Antes não havia nada. A vida resumia-se ao largo da igreja, à Sociedade Príncipe di Napoli e, muito tempo depois, ao Cine Central”. Nessa declaração, Maria referia-se ao lazer na colônia. Fica claro que, além dos poucos encontros sociais proporcionados pelas quermesses, na igreja, não havia outras oportunidades, a não ser no âmbito familiar, para reunir e congregar seus moradores. A Príncipe di Napoli, surgida em 11 de dezembro de 1892, oferecia apenas bailes esporádicos, já que seu objetivo maior era proporcionar ajuda médica e outros benefícios aos associados. O Cine Central foi inaugurado somente em 1922.

Por certo, a população de São Caetano ressentia-se de oportunidades para reunir-se, juntar-se, conhecer-se. Enfim, exercitar-se na própria essência humana que é a confraternização. Crônicas da época contam sobre reuniões familiares, quando mulheres e seus filhos, nas noites de temperatura amena, juntavam cadeiras em frente às casas para longas conversas, enquanto os mais jovens divertiam-se com brincadeiras nas ruas e nas calçadas poeirentas.

Por sua vez, os homens tratavam de se juntar para jogar futebol aos domingos e, desse

fato, nasceram dois times: Clube dos Amigos e Rio Branco Futebol Clube. Era o ano de 1914 e a colônia deveria ter cerca de quatro mil habitantes (o censo de 1920 contou 4.689). O fato é que a localidade não comportava dois times de futebol e a consequência era que vários jogadores permitiam-se participar de ambos. Após muita polêmica, ocorreu a fusão dos times em 1º de maio de 1914. Surgia, assim, o São Caetano Esporte Clube!

Essa decisão foi tomada em reunião realizada na Rua Rio Branco, nº 26, residência de Paulo Perrella, que foi eleito o primeiro presidente. Ali mesmo foi a primeira sede do novo clube. Iniciava-se um modesto e novo ciclo na jovem cidade.

Intencionalmente, ou não, nas mentes masculinas, até então predominantes entre os associados, estava nascendo a semente que proporcionaria uma maior aproximação entre homens e mulheres. Afinal, nada mais natural do que o atendimento à própria natureza humana. Não seria nada estranho que, na mente dos fundadores do clube (na extensa lista não figurava nenhuma mulher), pudesse pairar, bem guardado, um desejo: “Precisamos criar espaços para que as mulheres possam frequentar o clube e ficar mais próximas

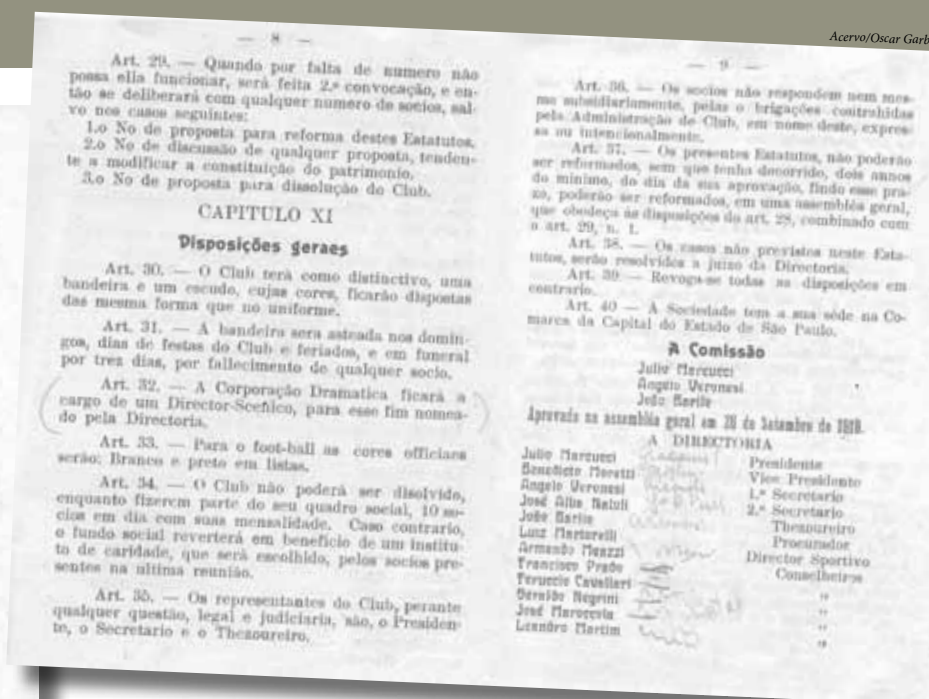
de nós”, além de outros pensamentos para propiciar convivência, contatos, conversas, namoros...

Importante não esquecer as dificuldades impostas às jovens pela severidade dos pais ainda muito viva naquela época. Muitas passagens relatadas por Carla Cristina Garcia em sua obra *As outras vozes – Memória feminina em São Caetano do Sul* confirmam a fiscalização e o autoritarismo exercidos sobre as moças:

“Quando mocinha a gente ia ao baile, mas meu pai não deixava não, eu ia escondida. Eu tinha um primo que era sócio do São Caetano e ele dizia: ‘- Ah! Tio, me deixa levar a Maria no baile?’ – ‘Pode levar só para assistir ao teatro, depois me traga ela embora’”,

relatou Maria Conceição Rodrigues Dias, nascida em 1909 (1998, p. 135).

O São Caetano Esporte Clube começava a fazer a diferença: o futebol no campo da Rua 28 de Julho - Os primeiros anos do clube foram de muitas dificuldades devido ao pequeno número de associados, conforme consta em vários documentos. Mas a persistência acabou por superá-las, ainda nos anos 1920, ora com campos de futebol, ora com a inauguração



Reprodução dos estatutos do São Caetano Esporte Clube, aprovados em 1919. O desenvolvimento da arte dramática estava previsto, no artigo 32, entre as finalidades sociais da agremiação

da sede social. O campo de futebol definitivo foi construído na Rua Saladino Cardoso Franco, depois Rua da Matriz (atual Rua 28 de Julho), em área cedida pelo engenheiro Prudente Noé, entre 1919 e 1922. Ali, associados construíram arquibancada de madeira coberta e cercaram o campo com grades. Estas tarefas foram conduzidas por João Domingos Perrella Netto e Germano Miazzi, marceneiros e jogadores do clube. Em belo ambiente, agora as moças de São Caetano podiam comparecer aos jogos e torcer pelos jovens e exibidos atletas alvinegros. Surgia um novo local de encontros...

Mas ainda não bastava. A necessidade apontava para o social, para mais lazer, maior convivência com a comunidade, particularmente em locais onde as jovens pudessem participar do lazer proporcionado pelo clube ao lado dos jovens. É bem verdade

que as diretorias esforçavam-se neste sentido e, algumas vezes, conseguiam a presença feminina, com sua família. Porém, havia barreiras e urgia a necessidade de criar condições para superar certos impedimentos, verdadeiros tabus da época.

Os festejos comemorativos do quinto aniversário do clube, em 1919, trouxeram uma dessas iniciativas. No extenso programa, constava que “a saída será dada pelas senhoritas Etelvina Zanini, Etelvina Antanha e Avelina Gallo” (MEDICI, 2003, p.15). O clube, com a inclusão das jovens em um evento até então tipicamente masculino, demonstrava preocupação com a presença feminina, aproveitando-o para aproximar as famílias e... as moças!

A sede social na Rua 28 de Julho: bailes com orquestra e “dramas” - Foi nesta época que o associado Maximiliano Lorenzini construiu, na mesma rua, ao lado de sua residência, um amplo salão para o SCEC. Não há comprovação documental sobre a época em que a sede teria sido transferida para o novo local, na Rua da Matriz. Em sua obra, Ademir Medici cita documento de

Art. 29. — Quando por falta de numero não possa ella funcionar, será feita 2.ª convocação, e então se deliberará com qualquer numero de socios, salvo nos casos seguintes:
1.º No de proposta para reforma destes Estatutos.
2.º No de discussão de qualquer proposta, tendente a modificar a constituição do patrimonio.
3.º No de proposta para dissolução do Club.

Art. 30. — O Club terá como distinctivo, uma bandeira e um escudo, cujas cores, ficarão dispostas das mesma forma que no uniforme.

Art. 31. — A bandeira sera asteada nos domingos, dias de festas do Club e feriados, e em funeral por tres dias, por fallecimento de qualquer socio.

Art. 32. — A Corporação Dramatica ficará a cargo de um Director-Scênico, para esse fim nomeado pela Directoria.

Art. 33. — Para o foot-ball as cores officiaes serão: Branco e preto em listas.

Art. 34. — O Club não poderá ser dissolvido, enquanto fizerem parte do seu quadro social, 10 socios em dia com sua mensalidade. Caso contrario, o fundo social revertirá em beneficio de um instituto de caridade, que será escolhido, pelos socios presentes na ultima reunião.

Art. 35. — Os representantes do Club, perante qualquer questão, legal e judiciaria, são, o Presidente, o Secretario e o Thezoureiro.

Art. 36. — Os socios não respondem nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações contractadas pela Administração do Club, em nome deste, expressa ou intencionalmente.

Art. 37. — Os presentes Estatutos, não poderão ser reformados, sem que tenha decorrido, dois annos do minimo, do dia da sua aprovação, findo esse prazo, poderão ser reformados, em uma assembléa geral, que obedeça as disposições do art. 25, combinado com o art. 29, n. 1.

Art. 38. — Os casos não previstos neste Estatuto, serão resolvidos a juizo da Directoria.

Art. 39. — Revogam-se todas as disposições em contrario.

Art. 40. — A Sociedade tem a sua sede na Comarca da Capital do Estado de São Paulo.

A Commissão
Julio Marcucci
Angelo Veronesi
João Serile

Aprovada na assembléa geral em 23 de Setembro de 1919.

A DIRECTORIA

Julio Marcucci	Presidente
Emiliano Prestes	Vice-Presidente
Angelo Veronesi	1.º Secretario
José Alís Natali	2.º Secretario
João Serile	Thezoureiro
Luz Flatterelli	Procurador
Armando Mazzi	Director Sportivo
Francisco Prado	Conselheiro
Fernando Cavallari	"
Servilio Negrim	"
José Marcucci	"
Leandro Martim	"

ASSIS MACHADO

TERRA BEMDITA

DRAMA EM TRES ACTOS

PEÇA PRESENTADA NO CONTEIHO TEATRO
YUDO PELO DEPARTAMENTO DE CULTURA

1937

COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO
DE CULTURA -- SÃO PAULO

Arquivo Oscar Carbalotto

9 de junho de 1920, expedido pelo clube, onde consta a sede ainda situada na Rua Perrella. Francisco Fiorotti, em depoimento ao autor desta crônica, em 1994, afirmou que a sede da Rua 28 de Julho foi inaugurada em 1922. Na mesma oportunidade, “Fiorotim” (como era carinhosamente chamado) descreveu, com detalhes, todas as instalações do local e sua atuação junto ao grupo teatral, que fazia a alegria da comunidade antes dos bailes.

Até há pouco tempo, no entanto, 1922 era a data que constava em alvenaria à frente daquele salão, o que não significa coincidência de construção com inauguração de sede. Permanece, então, a dúvida.

É certo que, nos estatutos, aprovados em 1919, constou como uma das finalidades sociais o cultivo da arte dramática (MEDICI, 2003, p.16). Os esporádicos bailes, tão aguardados, ganharam local adequado com a nova sede. “Ponto alto da sociabilidade popular do início do século, o baile tem múltiplas funções: reagrupamento das comunidades étnicas, profissionais e de bairros. Mas o baile é, sobretudo, um local de encontro entre as classes e os sexos separados pela cidade.”(GARCIA, p.53)

Era o clube, proporcionando, enfim, a mais natural das necessidades do ser humano: a convivência, a união, a junção. Não sem razão, eram inúmeras as manifestações das jovens contra aqueles

Livreto da peça *Terra Bendita*, de Assis Machado. Destaque para as anotações de Arthur Garbelotto. Tal peça foi apresentada, pela primeira vez, no São Caetano Esporte Clube, em 1937

PERSONAGENS

- TIO MATEUS — (Preto-velho, 80 anos, talvez. Não sabe mais que idade tem).
 ALONSO — (Velho fazendeiro, 70 anos fortes).
 ANTONIO — (Filho de Alonso).
 CONCHITA — (Filha de Antonio).
 ZÉ-PEDRO — (Criador de gado).
 MARIA — (Portuguesa, filha de colônos).
 PASCOAL — (Colôno italiano).
 CRABENSE — (Colôno nordestino).
 JUVENCIO — (Caboco paulista, 20 anos).
 Mais 1.ª e 2.ª CAMARADAS, OCTUBO que passa e colônos.

CAMARADA

FIOLOTI

FIOLOTI

FIOLOTI

FIOLOTI

FIOLOTI

FIOLOTI

FIOLOTI



pais que ainda mantinham o autoritarismo severo, proibindo-as de frequentar bailes. A autora acima referida, na mesma obra, relata vários outros casos drásticos a que chegava a autoridade paterna.

No entanto, o dia a dia, favorecido pelo clube, foi alterando os costumes da época. Enquanto os homens passaram a frequentar a sede todas as noites, em busca de lazer, jogos de dominó, cartas ou pingue-pongue, as jovens passaram a frequentar os bailes semanais, ao som de orquestras que se formavam para atender aos entusiasmados encontros de dança.

As reuniões dançantes, no entanto, permaneceram ainda, por um longo período, sob controle familiar. Manoel Claudio Novaes, em sua obra *Nostalgia*, que inaugurou a Série Histórica da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, em 1991, relata: “Bailes estritamente familiares. Bailes para os sócios e suas famílias. Estas compareciam como a uma reunião familiar, quando se faziam amigos e se estreitavam laços de amizade. Admitiam estranhos ao quadro social, quando convidados pelos sócios e sob responsabilidade destes. Um mestre-sala encarregava-se da ordem, da disciplina e do bom comportamento dos pares dançantes...”. Mesmo tornando-se mais comuns, os bailes ainda eram mera extensão do ambiente familiar.

A vez dos “dramas” - Drama era a denominação genérica que se dava a toda peça teatral, comédia ou não. Em depoimento prestado em 1970, Manoel Claudio Novaes, filho de Accácio Novaes, que, na fusão de times, indicou o nome São Caetano Esporte Clube, afirmou que a primeira peça teatral encenada na cidade foi *La sorella del cieco*, em italiano, proporcionada por sócios da Príncipe di Napoli, no início dos anos 1920, em sua sede da Rua Perrella. Esta parte da cidade, hoje Bairro da Fundação, praticamente habitada por italianos e seus descendentes, encontrava-se no local mais dinâmico e importante do nascente município.

O São Caetano Esporte Clube, a Príncipe di Napoli e a Paróquia São Caetano, instalada em 1924, dominavam a cena religiosa e social. Natural, então, que os associados das duas grandes agremiações da época fossem, praticamente, os mesmos. Assim, o teatro chegou à nova sede do clube pela iniciativa dos mesmos personagens e, muito rapidamente, tornou-se grupo de excelente qualidade. As peças, agora encenadas em português, ofereciam cultura, emoção, alegria e momentos de grande interesse aos frequentadores do clube. A peça teatral sempre era seguida por um baile.

Enquanto o encontro dançante ainda recebia a desconfiança de pais em relação às jovens, o teatro era plenamente aprovado, mas só para assistir! Nunca para trabalhar como atriz. Compor elenco com personagens femininas não era fácil. Houve uma peça, *Terra Bendita*, de Assis Machado, na qual uma das personagens, Maria, teve que ser adaptada por um ator, o Joaquim! Isto consta expressamente no “livreto” da peça que tenho em mãos, no qual meu pai, Arthur, fez de próprio punho todas as alterações das falas que se fizeram necessárias. Conta-se que a primeira moça aqui residente a compor um elenco no SCEC foi Serena Garbelotto, irmã de um dos

Serena Garbelotto, em foto da década de 1920. Irmã de Arthur Garbelotto, foi a primeira jovem de São Caetano a figurar num elenco de teatro

Arthur Garbelotto, um dos principais membros da arte dramática local

Inauguração da sede da Rua Perrella, 36, em 9 de dezembro de 1933. Senhoritas do clube (com vestidos brancos longos e, na cintura, uma fita preta), a diretoria e outras autoridades receberam o prefeito de São Bernardo, Felício Laurito



Arquivo Oscar Garbelotto

principais membros do teatro, Arthur Garbelotto. O tabu foi sendo quebrado pela presença da família Negrini, Tegão e sua esposa, Pina, Carmela Paolilo, atuando ao lado de atrizes contratadas na capital.

É importante destacar o relevante papel do teatro do clube na sociabilidade local. As apresentações proporcionavam momentos de interação, de convivência, risos e comentários, antes e depois do espetáculo. Os atores, em época de pouco rádio e sem televisão, eram reconhecidos por um público entusiasmado com os personagens que assistiam no palco. Os “dramas”, como cultura e arte, ganharam seu espaço, para alegria das jovens que encontraram novo motivo para a convivência, sem a oposição dos pais.

1933 - A nova e grandiosa sede - A noite de 9 de dezembro de 1933 marcou importante etapa para o crescimento social de São Caetano. Seguindo o natural desenvolvimento da cidade, o clube inaugurou a sede social na Rua Perrella, nº 36, ao lado do já existente Cine Central. Era o

novo *centro social* de São Caetano, próximo à estação ferroviária, acompanhando a expansão urbana, além-ferrovia. Até uma nova igreja estava sendo construída “bem acima da estação”.

A nova sede foi muito bem planejada: amplo salão de baile, piso de madeira perfeito para as danças, um grande palco, comportando camarins e coxias, grande altura para permitir cenários deslizantes, uma boca de cena ornamentada e luxuosa cortina de seda e veludo. “Era o melhor e mais perfeito palco para o teatro da cidade”, afirmou Francisco Fiorotti, atuante nos bastidores do grupo teatral. Havia ainda mezanino com três mesas de bilhar, bar e restaurante, amplo espaço lateral coberto, onde armavam-se mesas para abrigar famílias nos grandes eventos, como carnaval, Natal e réveillon. Nos fundos, já se construía, também, a quadra de bola ao cesto.

A grandiosa festa de inauguração, com a presença de autoridades e do prefeito de São Bernardo do Campo, lotou os salões. A seguir, a festejada peça teatral *Os Dois Sargentos* contou com a presença de atores de São Paulo e locais,

entre eles: Arthur Garbelotto, Abramo Cavassani, Octávio Tegão, Pina Tegão, Ferruccio Manilli, Matheus Constantino, Aladino Grecchi, Aurélio Tenca, Hermenegildo Netti, Antonio Garcia, Mario, Vitorio Menin, entre outros. Foram contratados em São Paulo: Amélia Ilemá, Elena Santini, Leonor Navarro e seu marido Augusto Barone, diretor de elenco. Leonor Navarro, posteriormente, tornou-se atriz global, participando de inúmeras novelas da emissora.

Definitivamente, o clube marcava sua presença e influenciava as relações sociais de uma comunidade, agora voltada para um futuro promissor. A partir daí, a diretoria tratou de formar, imediatamente, uma seção feminina, tendo à frente a senhorita Escolástica Lorenzini, como presidente e Renata Santarelli como vice. Foram aceitas também, pela primeira vez, sócias femininas. Definitivamente, as coisas mudaram após 21 anos de espera. E, na recepção, lá estavam elas, em primeiro plano, todas com vestidos brancos longos e, na cintura, uma fita preta, as cores do clube, atendendo autoridades e convidados no palco do novo São Caetano Esporte Clube.

A importância social dos atos do São Caetano E.C. é notada no texto de Ademir Medici (MEDICI, p.76): “A notícia da assembléia geral

realizada em 13 de novembro de 1933 para a formação de uma diretoria feminina ganha destaque no jornal *O Dia* (edição de 22 de novembro de 1933). O jornal abre mais espaço a esta notícia do que à própria inauguração da nova sede do São Caetano. Relaciona o nome das senhoritas em sua página de esportes. Ou seja: neste início dos anos 30, a inauguração da sede de um clube é menos novidade, menos notícia, do que a participação das mulheres nos próprios clubes, então reduto quase exclusivo dos homens (...)”.

Enfim, as mulheres passaram a ter seu espaço próprio no querido SCEC, os homens ficaram mais felizes com a presença delas. E a cidade ganhava mais vida social. A “velha” São Caetano passou a sorrir mais, ganhando um novo encanto. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A paixão pela cidade: memórias de Maria Scarparo. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 8, dez. 1992.
GARCIA, Carla Cristina. *As outras vozes* – Memória feminina em São Caetano do Sul. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1998.
MEDICI, Ademir. *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: NeoGraf Ind. Graf. e Editora, 2003.
NOVAES, Manoel Claudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.

OSCAR GARBELOTTO

É ADVOGADO E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, E TAMBÉM PESQUISADOR DA HISTÓRIA LOCAL. FOI ATLETA MILITANTE DO CLUBE DE 1948 A 1955, COMO PUPILO DO COMPETENTE JOSÉ CRIVELARO, E PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE POR DIVERSAS GESTÕES.

COLABORAÇÃO DE MORISA GARBELOTTO.



Acervo/Oscar Garbelotto

Cena da peça *Os Dois Sargentos*, no palco da sede da Rua Perrella. A partir da esquerda, foram identificados: Matheus Constantino, Octávio Tegão (de botas pretas), Pina Tegão e Abramo Cavassani (sentado)

Claudio Rogério Braco

CEM ANOS DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE

POESIA

PARTE I - 1914-1923

Sexta-feira sombria!
Assim eram os dias daquele ano...
A belle époque se ia
Por onde vinham o conflito e o dano.

Um medo apocalíptico!
O mundo pressagiava o *Armageddon*,
Um prognóstico mítico
Balbuciado por comedido tom.

E a vida lentamente
Passava sem ninguém a perceber,
Havia muita gente,
No entanto, propagando o conviver.

Nativos e imigrantes
Alheios à fictícia profecia,
Todos muito confiantes,
Rejubilaram-se naquele dia,

Em primeiro de maio,
Quando de uma reunião surgia...
De um plano, de um ensaio,
Uma singela associação nascia,

Rendendo naquele ano,
Mil novecentos e quatorze; outono...
Um preito a São Caetano,
Em honra aos habitantes e patrono:

Começava a existir no arrabalde,
Pequeno, pobre e longe da cidade,
Um clube simples que de balde em balde,
Alcançaria o auge e a identidade,
Evidenciando que não fora embalde
Que com o esforço da comunidade,
Começava a existir no arrabalde.

Era o que se falava nas esquinas,
Pelos caminhos nus de chão batido
E pelos montes, vales e colinas:
Que um clube, um ideal preconcebido,
Pelos anseios das almas peregrinas,
Começava a existir, e bem nascido...
Era o que se falava nas esquinas.

Nascia o São Caetano
Esporte Clube em harmonia, enquanto,
Do outro lado do oceano,
Prenunciavam a guerra e o desencanto.

Acervo/Narciso Ferrari



Construção do conjunto de piscinas da sede atual do São Caetano, entre 1962 e 1963. Ao fundo, a esquina das ruas Ceará e Coligni

PARTE II - 1924 - 1933

Das sedes: Rudes casas alugadas,
Simples, caiadas, de aparências mansas,
Aconchegantes, muito frequentadas:
Eram adultos, jovens e crianças
Em matinês ou *soirées* apropriadas...
Ah! o perfume floral das esperanças!
Das sedes: Rudes casas alugadas...

Seja nas quadras, campos ou ginásios,
Muitas cores adversas admiravam
A imponência alvinegra: as de tons gázeos
Como o mar, e as do arco-íris, se curvavam,
Tal qual as que colorem os topázios
E tantas outras que a rivalizavam,
Seja nas quadras, campos ou ginásios.

As artes difundidas:
O teatro, a música, os saraus e as danças...
Noitadas concorridas
Solenidades, bailes e festanças.

Alguns casais, no abrigo
Estimulante do salão, bailavam,
E alheios ao perigo
De algum envolvimento, se expressavam:

Persistentes cochichos,
Tensos, mornos, lânguidos, sensíveis...
Seguiam os caprichos
Dos movimentos leves e infalíveis,

Enquanto dois antigos
Conhecidos, de braços dados, bambos,
Como estranhos amigos,
Passavam, afogando a mágoa de ambos.

Lançamento da pedra fundamental da atual sede social do clube (Rua Ceará), em 1º de maio de 1965. Três anos depois, mais precisamente, em 27 de abril de 1968, ocorreu a inauguração oficial do espaço. Em primeiro plano, a partir da esquerda, foram identificados José Alt, Osvaldo Martins Salgado, Pedro Ramos (encoberto), Floriano Leandrini, Narciso Ferrarri, Nilo Ribeiro e Cláudio Perrella. Em segundo plano, a partir da esquerda, foram identificados Airton Sigolo e Luiz Da Dalt



PARTE III - 1934 - 1945

A paz de todos alcançava tudo,
Descia sobre cada coração
E mesmo nos momentos mais agudos,
Fazia da inquietude, inspiração,
Então tudo ficava inerte e mudo,
No jardim, no terraço e no salão,
A paz de todos alcançava tudo.

As festas começavam
Rasgadas de maneiras melindrosas,
E as noites acabavam
Escuras, quietas, tristes, misteriosas.

Rangidos, tilintares...
Violinos, pratos, copos e talheres.
O protocolo aos ares
pelo entusiasmo de homens e mulheres.

As moças perfumosas,
Envolvidas de charme e de beleza,
Tais como são as rosas...
E os homens: como os fez a natureza.

Os hálitos ardentes

Aromáticos, mornos... As mudanças
 Dos passos obedientes,
 Rítmicos e precisos das danças,

Casais com o requinte
 De juvenis belezas e carícias
 Com um toque de acinte
 E pitadas secretas de malícias,
 Aos poucos se envolviam
 Pelo ambiente propício daquele ócio,
 Ou se desiludiam
 Pela inerente ingenuidade dócil.

Dois ébrios bamboleando,
 De braços dados, resvalando aéreos
 Como que revelando,
 Pouco a pouco, um ao outro, os seus mistérios,

Iam por noite adentro
 Encarcerando suas dores surdas,
 Levando-as para dentro
 De suas almas tão gentis e absurdas.

Mesmo com tudo aquilo
 E que nada daquilo fosse estranho,
 Havia algum sigilo
 Sobre um estranho medo hostil, tamanho...

Um feito negro e profundo,
 Amedrontava a todos a tal ponto
 Que entreviam o mundo
 Do erro, da malquerença e do confronto:

Pois vinham de outras terras,
 Próximas entre si, porém, diversas,
 Da mais mortal das guerras,
 As amargas notícias tão dispersas.

PARTE IV - 1946 - 1955

No palco: sopros, cordas, percussões...
 Na pista: blazers, saias evasês,

Ternos, chapéus, bengalas, cinturões,
 Generosos decotes e *corsets*...
 Channel número cinco: exalações,
 E as novidades em *prêt-à-porter*...
 No palco: sopros, cordas, percussões.



Acervo/Narciso Ferrari

As bocas impolutas
 De finos lábios púrpuros, carmins,
 Reinavam absolutas
 No âmbito do salão e nos jardins.

Valsas, tangos, boleros,
 Tantos suspiros de paixões secretas,
 De desejos sinceros
 E mãos e bocas trêmulas, inquietas.

Baile em comemoração ao 50º aniversário do clube, em 1º de maio de 1964, na sede da Rua Perrella

PARTE V - 1956 - 2014

Enfim... A sede própria tão sonhada!
 Edificada em aparência branda,
 Onde se percebia desde a entrada,
 Uma suave fragrância de lavanda
 E toda a arquitetura requintada
 E harmoniosa que estava debutando:
 Enfim... A sede própria tão sonhada!

No palco: baixo, bateria e guitarras...
 Na pista, luzes: negra e estroboscópicas,
 Saias rodadas, calças jeans sem barras,
 Minissaias e túnicas utópicas,
 As cigarretes, roupas *slims* bizarras...

Músicas agitadas, psicotrópicas...
No palco: baixo, bateria e guitarras.

As bocas aromáticas
De tutti-frutti, *drops* ou chicletes
E gargalhadas lácticas,
No salão, nas piscinas e nos toaletes,

Os corpos ora unidos
Ora se remexendo separados,
Pareciam saídos
Dos temas, pela banda, executados.

No palco: rock, *soul* e os *pops* lentos...
Na pista: saias longas, de cós altos
Com fluorescências e outros ornamentos:
Estampas, glitters, luzes, franjas, saltos
E cores vivas... Mágicos momentos!
E quantos atos sem alinhô, incautos!
No palco: rock, *soul* e os *pops* lentos.

Nas bocas apetitosas,
Lindos sorrisos, lânguidos sussurros,
Vozes leves, sedosas
E altos gritos ou ritmados urros.

Enquanto embebedados,
Como que debochando dos abstêmios,
Dois amigos, bem dados,
Expandiam as horas de boêmios.

Ali ninguém, no entanto,
Suspeitaria de algo rude, trágico,
Que alimentasse o pranto
E os impusesse o estado verborrágico,

Nem todos ali sabiam
Quais motivos ou quantos desesperos,
Os amigos faziam
Ébrios e livres de quaisquer esmeros.

Quando a noite acabava,
Um ligeiro cansaço aparecia,
Mas ninguém se enfadava,
Pois, tudo terminava em estesia.



Acervo/Narciso Ferrari

Envelhecer nem sempre abranda a vida
E nem o seu pretérito arrebatada,
Mas mostra os relevos da subida
E realça as conquistas de ouro e prata,
O trunfo de uma vida envelhecida,
É o poder de enfrentar qualquer bravata,
Envelhecer nem sempre abranda a vida.

Vista aérea
das instala-
ções da sede
atual do clube

Envelhecer assim, soberbo e forte,
É abrir ao mundo a sua imensa porta;
Não é desafiar a própria morte,
Pois esta, está há muito tempo morta.
No campo social ou no do esporte,
É algo que o faz crescer que o reconforta,
Envelhecer assim, soberbo e forte.

Sem medo apocalíptico,
Enfim, não ocorrera o *Armageddon*:

O prognóstico mítico
Da web pelo domínio “ponto com”.

Do futuro na esteira:
Dois mil e quatorze, primeiro dia
De maio, quinta-feira
E o clube faz cem anos... Que alegria!

O São Caetano Esporte Clube faz
Cem anos de vitórias, de louvor,
Cem anos de memória e muita paz,
Cem anos com as glórias do Senhor,

Cem anos cuja história satisfaz,
Cem anos, trajetória de labor,
O São Caetano Esporte Clube, faz,

A paz de tudo alcançará a todos
E descera em cada coração
E superando mares, lamas, lodos,
Trará momentos bons e inspiração,
Como enviada pelo Pai de todos
A todo o clube: bar, jardins, salão...
A paz de tudo alcançará a todos. **R**

Curiosidade sobre o dia 1º de maio

Sabe-se que desde 1886 (Estados Unidos) e 1891 (França), há manifestações ocorrendo no dia 1º de maio e que elas, no início, entre muitas categorias, envolviam também trabalhadores. Por esse motivo, o dia era considerado como sendo de anarquia em várias partes do mundo, o que fez com que muitos governantes objetivassem transformá-lo em feriado, dando-lhe um significado que esvaziasse o original, que era o de se pleitear qualquer coisa.

Assim, quando o São Caetano Esporte Clube foi fundado, o dia 1º de maio ainda não era o dia do trabalhador. Isso ocorreu no Brasil apenas em setembro de 1925 por um decreto do então presidente, Artur Bernardes, sendo que, atualmente, a grande maioria dos brasileiros se refere a essa data como o Dia do Trabalho.

Revista

do **SÃO CAETANO** **ESPORTE CLUBE**

☆
1914
1964
☆

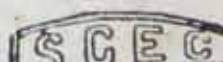


Fundado a 1.º de Maio
de 1914, o São Caeta-
no EC era apenas um
nome. 50 anos após, é
toda uma tradição e
todo um patrimonio que
se consubstancia na
sua magnifica praça de
esportes de que toda
a cidade se orgulha.



PRAÇA DE ESPORTES DO
SÃO CAETANO E. C.
ORGULHO PARA SEUS
ASSOCIADOS E TODA
A POPULAÇÃO
SANCAETANENSE

Capa da
revista
comemorativa
dos 50 anos
do clube
Arquivo/Fundação
Pró-Memória de São
Caetano do Sul





1949
Votocentru Sotventu 2 * 1
Priago - new - Jinto - Berno de -

Narciso Ferrari _____

O QUE FOI O FUTEBOL PROFISSIONAL DO SCEC

Corria o ano de 1948. São Caetano estava eufórica. O movimento autonomista era todo favorável à vitória. Crescia a construção do Hospital São Caetano. No cenário esportivo, era anunciado o ingresso do maior clube da cidade na segunda divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol (FPF) pelo presidente Armelindo Franchini, sendo o time pioneiro no ABC. Esta era a chance dos esportistas conhecerem de perto os maiores clubes do interior paulista.

A base já estava formada, pois o clube havia, há pouco tempo, disputado o campeonato amador da FPF, onde tinha se reunido com clubes regionais de menor expressão. Vinham desta disputa Zinho, Mosca, Escovinha, Laurindo e Andó.

Em substituição a Silvério Manilli, que exerceu o cargo de diretor esportivo por 32 anos, Joseph Fuchs, homem que gozava de prestígio no meio esportivo, foi buscar Neno, da várzea da Vila

Equipe de 1949. Em pé, a partir da esquerda, foram identificados Biaggio Cersosimo, Neno, Miguel Auricchio (Zinho), Bernardi, Ninin, Antônio Mosca e Olegário. Agachados, a partir da esquerda, Gustavo, Elzo Lazzuri, Antônio Albano de Moraes (Andó), Piola e Wilson Apolônio

Prudente; Sérgio Lorenzini, do Cruzada-Ipiranga; Ninin, da General Motors; Sulinho, do Teuto; Yube, do Corinthians; Wilson Apolônio, do Primeiro de Maio, de Santo André; Elzo, do São Bernardo. E, como suplentes, Ribeirão e Bergamo, ambos da Laminação, Camargo e Fábio.

No domingo da estreia, o campo da Rua Paraíba, chamado Estádio Conde Francisco Matarazzo, ficou lotado para ver o time enfrentar o Paulista, de Jundiaí. O São Caetano Esporte Clube saiu vitorioso por 3 a 1. A expectativa voltou-se então para o jogo seguinte, fora de seus domínios, com São Caetano tendo de enfrentar a Associação Esportiva Velo Clube Rio Clarense, de Rio Claro. Vitória do time do ABC por 4 a 3. Não precisou de muito tempo para Aurelio Belotti, jornalista da *Gazeta Esportiva*, dar o apelido ao clube de “Expressinho da Vitória”.

Sem um técnico definitivo, a preocupação terminou quando o recém-formado treinador Francisco Marinotti aceitou dirigir o time. Entre seus colegas de turma, podem ser citados Osvaldo Brandão, Aimoré Moreira e Vicente Feola.

Estava por terminar o campeonato. Se o clube vencesse o Ginásio Pinhalense de Esportes Atléticos ficaria no primeiro lugar de sua chave. A partida seria realizada em Espírito Santo do Pinhal, já que houve entendimento para inversão de mando do jogo, permitido na época. O São Caetano não encontrou meios financeiros para reverter esse caso, pois teria de resolver o problema em menos de 48 horas. Entretanto, a euforia era grande entre diretores e jogadores, que achavam que o time ganharia o jogo mesmo fora de casa. Ledo engano. Foram derrotados por 1 a 0.

Desta forma, ocupariam o primeiro lugar o São Caetano e o Rio Pardo Futebol Clube. A decisão foi marcada para Limeira, onde o clube perdeu por 5 a 3 em jogo decisivo, transmitido por

várias emissoras de rádio do interior. Com este resultado, formaram o triângulo final: Rio Pardo, XV de Piracicaba e Clube Atlético Linense.

A preocupação dos dirigentes do São Caetano era grande antes do jogo contra o Rio Pardo, pois se o clube vencesse, a preferência geral era para a ascensão do time, porque a cidade era próxima da capital. A praça de esportes, embora ficasse na região central, era acanhada, não tinha alambrado e o campo era cercado apenas por ripas. A arquibancada era de madeira, comportava apenas 600 pessoas sentadas, e não havia como aumentar a capacidade de nenhum dos lados. A municipalidade, recém-criada, não tinha condições de ajudar financeiramente. A sede social na Rua Perrella pertencia a Pedro José Lorenzini, que recebia aluguel simbólico pela ocupação do espaço.

O clube vivia da modesta contribuição dos associados, aluguel do campo e da sede social, com ajuda dos bailes domingueiros, das matinês lotadas por jovens que vinham de trem da capital e que, à noite, eram frequentadas por famílias da cidade. Também havia ajuda financeira de diretores e conselheiros que sempre colaboravam quando necessário. Os jogadores eram semiprofissionais. Todos trabalhavam em suas respectivas profissões, mas recebiam uma ajuda de custo e gratificação nas vitórias.

Havia duas opções para a condução dos jogadores e da equipe técnica para os jogos fora de casa: ou diretores e conselheiros que tinham carro levavam o pessoal ou o clube contratava os motoristas de táxi que trabalhavam perto da estação ferroviária. A preferência era por Angelo Pol, Orlando Fiorotti, Ramon Jurado (Bartolo) e Francisco Marphil.

A fisicultura estava a cargo do sargento Miguel Batista Gonçalves. O clube treinava todas as quintas-feiras e, de vez em quando, às terças-feiras. Além do futebol, também eram realizadas



aulas de ginástica. O técnico Francisco Marinotti nada ganhava para treinar o time, pelo contrário, muitas vezes utilizava recursos do próprio bolso. Os médicos que acompanhavam a equipe eram Roberto Gomes Caldas, José Luiz Flaquer Neto e, posteriormente, Adriano Duarte. Nas consultas jurídicas, o advogado Dirceu de Oliveira Lima prestava sua colaboração.

Concentração – Com exceção de uma vez que a equipe se concentrou na Fonte Sonia, em Valinhos, as demais foram realizadas em uma chácara de propriedade de Francisco Rovai, onde hoje se localiza a Matriz de São Bernardo. Outro ponto de encontro entre associados e diretores era a Pensão Italiana, localizada na Rua João Pessoa, e que tinha como dono Daniel Arelaro.

O administrador do estádio era o ítalo-francês Gastão Flosi, que morava com sua família embaixo da arquibancada. O massagista

era Daniel Parisi, primeiro funcionário remunerado do clube e o segundo a receber pequena gratificação. Os serviços burocráticos de secretaria e tesouraria eram executados pelos abnegados diretores.

Como todos os clubes, quando o time ganhava, a colaboração era geral, mas, quando perdia, eram só críticas. Nas preliminares, os amadores do clube ganhavam os jogos nos quais geralmente participavam times varzeanos locais, que eram convidados para alcançar maior renda. Em represália, torciam contra o São Caetano no jogo principal. Assim sendo, Fuchs proibiu estes jogos e somente convidava clubes amadores da capital ou de Santo André.

Já em 1949, sob a presidência de Jacob João Lorenzini, e tendo como

Equipe de 1949. Em pé, a partir da esquerda, Daniel Parisi, Neno, Walter Sebastião Gaspari (Date), Miguel Auricchio (Zinho), Antônio Mosca, Bernardi e Olegário. Agachados, a partir da esquerda, Antônio Albano de Moraes (Andó), Piola, Milton, Wilson Apolônio e Elzo Lazzuri

técnicos Húngaro e João Nicolau Braidó, conhecido como Paraná, o São Caetano disputava uma série muito forte, dividindo a chave com Guarani e Ponte Preta. O clube do ABC terminou em quinto lugar. Mesmo assim, não decepcionou a torcida.

O time era formado por Zinho, Mosca, Neno, Armando, Bernardi, Olegário, Andó, Piola, Miltinho, Wilson e Elzo, além dos reservas Alvaro, Ribeirão, Bergamo, Camargo, Date, Peixinho, Ninin, Gustavo, Schubert e Rubens.

No ano de 1950, o São Caetano apresentou sua maior equipe em toda a temporada da segunda divisão. Sob o comando do técnico Luiz Pereira, Lula, conhecido como o “Canhão do Parque Antártica” devido ao seu forte chute e, em seguida, sob as ordens de Francisco Marinotti, a equipe era esta: Orestes, Mosca, Neno, Vitor, Sidney, Nilo, Andó, Walter, Oswaldo, Wilson e Elzo. Os reservas eram Ribeiro, Date, Zinho, Silva, Armando, Schubert e Rubens. Este time sagrou-se campeão de seu grupo.

A maior revelação de todo o certame em 1950 foi, sem dúvida, o meia Walter Marciano de Queiroz, elogiado por toda imprensa paulista, cujo passe foi adquirido gratuitamente junto à Portuguesa, e liberado por seu diretor, Nestor Pereira, sócio de Vicente Pina, morador de São Caetano.

O SCEC, como precisava de recursos, no final desta temporada, vendeu o passe de Walter ao Clube Atlético Ypiranga por 86 mil cruzeiros, considerado preço satisfatório e dentro do mercado. O cheque foi entregue pelo presidente Gerônimo Mauri e pelos diretores Carlos Gaeta e Domingos Sgarzi.

A trajetória de Walter foi rápida. Depois do Ypiranga, passou pelo Santos, Vasco da Gama, seleção brasileira e Valencia, da Espanha, onde veio a falecer em um desastre automobilístico. A venda do passe de Walter deu ao novo presidente do clube, Octávio Tegão, meios para administrar o clube em 1951 e 1952. Porém, as dificuldades

financeiras sempre cresciam. A cidade se expandia e os jogadores exigiam melhores condições, não só salariais como também médicas.

Sob o comando do técnico Wilson, do Comercial e, posteriormente, de Francisco Marinotti, a base do time era Orestes, Mosca, Date, Alan, Vitor, Schubert, Elzo, Rubens, Andó, Wilson ou Feijão e Araken, contando ainda com Ribeiro, Nilo e Jorge.

Em 1952, ano em que o campeonato estendeu-se até o primeiro semestre de 1953, já sob a presidência de Walter Braidó, a FPF não queria incluir o São Caetano na disputa, porque o estádio não tinha alambrado, não oferecia segurança. Após vários entendimentos, a federação acabou permitindo a inclusão do clube. Entretanto, João Nicolau Braidó e Miguel Auricchio se encarregaram de conseguir novos jogadores e providenciar sua inscrição na federação. Assim, o time foi organizado, com base em jogadores da várzea, ficando com a seguinte escalação: Vitor (Vila Bela) ou Zinho, Schubert, Lãó (Cruzada) ou Sidney (Cerâmica), Vitor ou Jair Fiume (Tamoio), Alemão (Vila Bela), Rino, Botega (Vila Alpina), Cavalinho (Ipiranguinha), Rubens de Almeida e Araken, Alvaro, Jorge, Pavin e Primo, todos sob o comando do técnico Fernando Ortega no primeiro turno e, no segundo, de Marinotti.

Sem pretensões maiores e com jogadores mesclados da várzea e oriundos do próprio clube, nosso time chegou para o quadrangular final. Joseph Fuchs e outros diretores acreditavam que para disputar esta fase final o grupo precisaria de reforços. Por isso, foram ao Sport Club Corinthians Paulista, trazendo Narciso, como arqueiro, Ratinho, como centroavante, e Rafael Chiarella, como meia-esquerda. Entretanto, este último adoeceu e jogou por pouco tempo. Narciso foi considerado o melhor goleiro do certame.

Em seu último campeonato, em 1953/1954, antes da fusão, a diretoria contratou

para técnico Hélio Geraldo Caxambu, ex-goleiro do São Paulo, que substituiu Antonio Mosca. Caxambu participou de um curto campeonato com apenas seis disputantes. A base do São Caetano era formada por Zinho, Sidney, Lão, Maurinho, Fiume, Rubens de Almeida, Jorginho, Gabriel, Osvaldo, Salvador e Araken, tendo ainda Jaime, Vitor, Vadela, Hilton e Mario. Ainda assim, o time não alcançou classificação.

Com a cisão entre o São Caetano e o Comercial, em 18 de dezembro de 1957, o clube passou a ser presidido por Nicolino Puccetti e disputou o campeonato mandando seus jogos no Estádio Municipal nos anos 1958 e 1959. No entanto, não existia muito interesse por parte dos torcedores e antigos associados, porque o estádio ficava fora da área central, além de estarem todos desapontados com a fusão.

No comando técnico estava Aurelio Loureiro Bastos, no primeiro ano, e depois Reinaldo Zamai, antigo jogador do C.A. Ypiranga e da Portuguesa. O desinteresse da cidade pelo clube era tão grande que uma partida entre o São Caetano e o Elvira, de Jacareí, tinha apenas 19 assistentes, ou seja, nem os familiares dos jogadores foram prestigiar o jogo.

Outros clubes da cidade disputaram o campeonato da segunda e terceira divisão de profissionais, como o Cerâmica Futebol Clube, que tinha assistência financeira da Cerâmica São Caetano, o SAAD, assistido pelo abnegado Felício Saad, da fábrica de mesmo nome, o Clube Atlético Monte Alegre, o Transauto Futebol Clube, de José Formiga, e o Atlético Vila Alpina. Contudo, nenhum deles teve o mesmo êxito do São Caetano.



Quando assumi a presidência do clube, no início de 1960, a diretoria e o conselho deliberativo decidiram paralisar o time profissional e partir para a construção de um clube recreativo a exemplo de outros, como o C.A. Ypiranga, a Associação Recreativa Esportiva Sanjoanense, o São João, de Jundiá, o Socorrense, o Portofelicense e outros coirmãos do profissionalismo.

Levamos assim o pedido verbal e escrito do desligamento do clube da segunda divisão ao então presidente da FPF, João Mendonça Falcão. Relatamos que geograficamente nossa cidade está ligada à capital e a exploração de atividades como hotéis, rádios, jornais diários, restaurantes e futebol profissional sofre decisiva influência dos congêneres de São Paulo. De início, ele re-lutou. Contudo, após ouvir nossas explicações, concordou e nos cumprimentou. **R**

A equipe que participou das semifinais do campeonato de 1952, disputadas em 1953. Em pé, a partir da esquerda, Vitor R. Coutinho, Jair, Schubert Figueiredo, Osvaldo Pascon (Fiume), Narciso, Rubens de Almeida e Daniel Parisi. Agachados, a partir da esquerda, Rino Tomei, Rafael Chiarella, Nelson Righetto (Botega), Rato e Araken

Walter
Marciano de
Queiroz: o
craque do
São Caetano
Esporte
Clube.
Detalhe da
foto publicada
na página 57



Narciso Ferrari

HISTÓRIA DE UM CRAQUE

Walter Marciano de Queiroz, filho de José e Oscarlina Marciano de Queiroz, nasceu em 15 de setembro de 1931, na Rua São Joaquim, no Bairro do Lavapés, na capital. Tinha três irmãos: Hildebrando, Nadir e Cláudio.

Ele foi, na opinião do técnico Francisco Marinotti, o melhor jogador que o São Caetano Esporte Clube revelou em toda sua trajetória de futebol, quer como amador quer como profissional.

Quando Walter ainda era novo, a felicidade de sua família não foi completa, na Rua São Joaquim, pois seus irmãos Hildebrando e Nadir faleceram ainda crianças. Quando mudaram para a Rua Barão de Iguape, ainda no Bairro do Lavapés, Walter, aos 7 anos de idade, passou a frequentar as peladas nas ruas do bairro. Aos 9 anos, foi expulso do Grupo Escolar

Campos Sales. Não aceito nas escolas estaduais, foi matriculado em um colégio particular, o Externato Santo Antônio, tendo depois cursado os dois primeiros anos do ginásio no Colégio Anglo Latino. Nessa época, a família já residia na Avenida Lins de Vasconcelos, no Bairro do Cambuci.

Em 1946, com 15 anos, Walter, que não parava em nenhum emprego, sonhava em poder sustentar os pais como profissional de futebol. Começou, então, sua carreira no time infantil do Corinthians, de Vila Deodoro, jogando na linha média. Em seguida, foi treinar no Vila Deodoro Futebol Clube, passando também pelo time da Lagoa e pelo Externato Nossa Senhora da Glória Futebol Clube, do mesmo bairro. Walter batalhou muito para ser atleta profissional e, embora fosse torcedor do São Paulo, realizava testes em diversos times, entre eles o Rio Pardo F.C., da cidade de São José do Rio Pardo, para onde fora com a promessa de ganhar 10 mil cruzeiros por mês de luvas e 600 cruzeiros de ordenado, incluindo casa, comida e emprego. Entretanto, Walter não passou pelo estágio e começou ganhando apenas 300

cruzeiros mensais.

Insatisfeito, resolveu fazer testes no Guarani, de Campinas, ficando por lá durante três meses, apenas com promessas. Quando percebeu que nada conseguiria, retornou a São Paulo para trabalhar como açougueiro. Nesta época, sua família foi morar em Santos. Sozinho, na capital, Walter conseguiu emprego em uma indústria do grupo Nadir Figueiredo, voltando aos campos pelo União Futebol Clube.

Contratação – Indicado por um amigo que trabalhava com ele, Walter fez testes no São Caetano Esporte Clube, na posição de médio apoiador. Durante um jogo-treino contra o Texaco F. C., Marinotti escalou-o na frente, com cinco atacantes. Nessa ocasião, Walter foi considerado o melhor jogador da partida. E gostou da mudança de posição, pois sentia-se mais livre e disposto a trabalhar com a bola.

Como o seu passe estava preso à Associação Portuguesa de Desportos, embora nunca tivesse jogado por esse clube, Joseph Fuchs, diretor esportivo do São Caetano, por intermédio de Vicente Luiz Pina, antigo secretário do SCEC, conseguiu encontrar-se com Nestor Pereira, diretor da Portuguesa, que prontamente mandou liberar a transferência do jogador.

Estreia – No domingo anterior à sua estreia, o São Caetano havia perdido dentro de casa para o Esporte Clube São Bernardo, último colocado da série, por 3 a 1. O próximo jogo seria realizado em 26 de agosto de 1950, fora de casa, contra o São João, de Jundiá. Marinotti queria fazer modificações na equipe, mas antes de realizá-las foi comunicar o diretor esportivo, que se posicionou contra as ideias do técnico.

Mesmo assim, na hora da partida, Marinotti fez as mudanças, escalando Walter no lugar de Luiz Camargo e Victor, outro estreante, no lugar de Date. Nesse dia, o São Caetano venceu por 3 a

1, com gols de Elzo, Walter e Oswaldo. O time era formado por Orestes, Mosca e Neno; Schubert, Sidney e Victor; Rubens, Andó, Oswaldo, Walter e Elzo. Depois desse dia, Walter permaneceu sempre como titular de sua posição e sua presença era considerada a maior atração. Ele foi campeão pelo clube em 1950. O interessante é que, durante os jogos, Walter sempre estava acompanhado por seus pais, avós, irmãos e vizinhos.

O clima entre ele e os demais jogadores e funcionários era dos melhores. Walter participava de festas particulares e bailes e foi num desses eventos que começou seu namoro com Romilda. Atração em todas as partidas, o jogador chamou a atenção dos grandes clubes da capital e, finalmente, conseguiu realizar seu sonho: treinar pelo São Paulo Futebol Clube, time de seu coração. Contudo, não foi inteiramente feliz ali.

Contratação pelo C. A. Ypiranga – Certa noite, o presidente do C. A. Ypiranga, Gerônimo Mauri, e seus diretores Domin-

Homenagem à equipe do São Caetano que se sagrou campeã de seu grupo, em 1950, na disputa da segunda divisão de profissionais da FPF. Em pé, a partir da esquerda, Joseph Fuchs, Orestes, Neno, Vítor R. Coutinho, Sidney, Antônio Mosca, Nilo Bartalini, Francisco Marinotti, Biaggio Cersosimo e Gino Ricciardi. Agachados, a partir da esquerda, Elzo Lazzuri, Antônio Albano de Moraes (Andó), Oswaldo, Walter Marciano, Wilson Apolônio e Daniel Parisi



gos Sgarzi e Carlos Gaeta adquiriram o passe de Walter junto ao presidente do clube, Octávio Tegão, por 86 mil cruzeiros, valor considerado elevado para a época. Seu salário no São Caetano era de 1.500 cruzeiros, em 1952. Já no C. A. Ypiranga assinou contrato por dois anos, com o dobro do salário anterior.

O técnico de seu novo clube, Luiz Mesquita de Oliveira (Luizinho), fez Walter estreiar contra o Corinthians Paulista no Estádio do Pacaembu, ocasião em que o Ypiranga venceu por 3 a 2. Walter foi considerado um dos melhores em campo.



Acervo/Narciso Ferrari



Era muito agradável vê-lo jogar. Fino no domínio da bola, malicioso nos dribles, além de ter uma ótima visão geral de gol. Os três maiores clubes da capital o queriam, mas foi o Santos Futebol Clube que levou a melhor. O clube santista começava a montar, então, o maior esquadrão de futebol de todos os tempos.

Na verdade, primeiramente, Walter foi para o Santos por empréstimo, para disputar o torneio Rio-São Paulo. Em seguida, foi contratado definitivamente por 700 mil cruzeiros, com salário de 12 mil cruzeiros mensais. No Santos, ele formou a famosa linha: Alfredinho, Walter, Alvaro, Vasconcelos ou Jair da Rosa Pinto e Pepe, tendo como técnico Luiz Alonso (Lula).

Logo, o técnico da seleção brasileira, Aimoré Moreira, convocou-o para disputar a Taça Bernardo O'Higgins, estreando com os seguintes jogadores: Castilho, Paulinho e Pinheiro; Ivan, Dequinha e Newton Santos; Garrincha, Walter, Evaristo, Didi e Ecurinho.

Depois desta seleção, foi convocado também para disputar o Campeonato Mundial na Suíça, em 1954. Uma forte contusão na canela, em um choque com Ruarinho, quase o deixou fora do futebol, em um jogo contra o Botafogo, do Rio.

O Santos chegou a acreditar que seu caso era muito grave e que Walter estaria irremediavelmente inutilizado para o futebol, razão pela qual começou a negociar seu passe. O Vasco da Gama se interessou em adquiri-lo. Após ser examinado pelo departamento médico do novo clube, Walter foi contratado por 1,2 milhão de cruzeiros. Seu salário era de 13 mil cruzeiros, mais gratificações e participação na venda do passe.

Tempos depois foi operado no Hospital dos Acidentados, no Rio de Janeiro, e, depois de restabelecido, estreou contra o Madureira, mar-

cando o seu primeiro gol pelo novo time. A escalação do Vasco era a seguinte: Victor Gonzales, Paulinho e Haroldo; Mirim, Orlando e Dario; Sabará, Walter, Vavá, Pinga e Parodi. Foram seus técnicos, nesse período, Flávio Costa e Martim Francisco.

Walter era muito solicitado pelos fãs para dar entrevistas e autógrafos, e nunca faltavam convites para bailes e festas familiares. Em uma destas oportunidades conheceu a moça que viria a ser sua esposa, Edna. Desta união nasceu o menino Sérgio Willians Marciano de Queiroz. Walter gostava de música, especialmente valsas vienenses e do cantor Sílvio Caldas. Apreciava cinema, praia e gostava de fumar um cigarrinho. Bebia só socialmente. Antes do Campeonato Carioca, o Vasco acertou uma excursão à Europa. Como Walter foi um dos jogadores que mais se destacaram nas partidas realizadas no Velho Mundo, especialmente na Espanha, foi contratado pelo Valencia, rendendo assim um bom contrato para ele.

Infelizmente, no final da década de 1950, quando ainda jogava na Espanha, Walter saiu da casa de um amigo dirigindo seu carro e acidentou-se gravemente na estrada, vindo a falecer prematuramente.

Reproduzo aqui o que a revista *Vida do Craque*, edição nº 34/35, de outubro de 1964, escreveu sobre Walter: “Registre-se, portanto, que o técnico Marinotti, do São Caetano E. C., foi o homem que influenciou decisivamente na vida do grande craque. Não fora ele, com a tentativa experimental, e talvez Walter ainda estivesse atuando pelos clubes de baixo. Marinotti, conforme acentuou o próprio jogador, foi o primeiro degrau de sua carreira”. **R**

São Caetano Esporte Clube

Em festa



Capa da
revista
comemorativa
dos 75 anos
do clube
*Acervo/Fundação
Pró-Memória de São
Caetano do Sul*

75 anos



EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO • JUBILEU DE DIAMANTE

Roberto Munhoz

BASQUETE:

FAZENDO HISTÓRIA DESDE 1934

Em 1891, o longo e rigoroso inverno americano tornava impossível a prática de esportes ao ar livre. Nesta época, o diretor da Associação Cristã de Moços de Springfield (Estados Unidos) pediu para o professor de educação física James Naismith pensar em algum jogo sem violência, que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que também pudesse ser praticado no verão, em áreas abertas.

A ideia de Naismith foi criar uma atividade que deveria ser jogada com as mãos, e cujo alvo não seria no chão. O professor pediu ao zelador do colégio duas caixas. Com um martelo e alguns pregos, Naismith prendeu os cestos na parte superior de duas pilastras. Nascia assim a cesta de basquete.

O Brasil foi um dos primeiros países a conhecer a novidade. Isso porque, em 1894, o norte-americano Augusto Shaw recebeu um convite para lecionar no Mackenzie College, em São Paulo, e trouxe na bagagem, além de livros, uma bola de basquete.

No ano de 1934, o São Caetano Esporte Clube inaugurava sua quadra de bola ao cesto.

Poucos clubes depositaram confiança no sucesso do novo esporte, mas o SCEC acreditou. Nesse mesmo ano, o São Caetano enfrentou o Clube Atlético Aramaçan no basquete. Além de Genga, outro craque da casa era Celidônio Garcia.

Muitos atletas fizeram história no clube da Rua Ceará, como Darcio Orlando e Eduardo Nackur. Quem ensinava as técnicas do jogo era José Crivelaro. Havia também Jaime Pereira, o Galinho, um abnegado, que tirava dinheiro do próprio bolso para o ônibus, quando o jogo era em São Paulo. Ele era jogador, diretor do clube e técnico da equipe.

A inauguração do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes, em São Caetano, ocorreu em 1964, em um jogo contra o Corinthians. O destaque do SCEC era Alex, que pode ser considerado um Oscar Schmidt da época.

Os diretores Claudio Musumeci e Airton Sigolo formaram grandes times. Em 1969, foi





inaugurado o Ginásio José Musumeci, na Rua Ceará, com um jogo do SCEC contra o Vasco da Gama. Nessa época as revelações do time eram Dante Malavazzi, Sidnei Colleoni, Paulo Agrela, Helio Del Poente, Adevanir, entre tantos outros. No mesmo ano o basquete feminino foi transferido do Clube Monte Alegre para o São Caetano, e chegava uma constelação. Norminha, Marlene, Elzinha, Delcy e Odete formavam o chamado time dos sonhos e viveram dias de glória. Havia também a cantora Simone, na época jogadora, que começava sua carreira ensaiando e cantando com Gal Costa no Edifício Di Thiene, na Rua Monte Alegre.

O livro *Uma história de campeões*, de Ademir Medici, relata o começo da carreira da Rainha do Basquete, Hortência Marcari, contada pela excepcional jogadora Marlene José Bento. “Ela chegou com as amigas da Escola Estadual Eda Mantoanelli. Estava toda rasgada e usava uma sandália horrorosa. Perguntei se queria

treinar. Ela respondeu: ‘Não tenho tênis e sei que a senhora não deixa jogar descalça’. Mas hoje abro uma exceção para você, respondi.” Foi a mão de Deus. Hoje a nossa ex-atleta faz parte do *Naismith Memorial Basketball Hall of Fame* e é a maior pontuadora da história da seleção brasileira com 3.160 pontos.

Nos anos 1970, o SCEC desligou-se da Federação Paulista de Basketball passando a base para o Clube Recreativo Esportivo Tamoyo, que deu continuidade ao trabalho. De forma menos competitiva, a bola não parou. O basquete seguiu de maneira descontraída, praticado sem maiores compromissos pelos sócios.

Nos anos 1990, a modalidade atravessou seu pior momento, e limitava-se à prática do 21 (disputa de lances livres), porque não havia dez atletas para completar os times. Na época, o sócio Roberto Munhoz, preocupado com esse marasmo e ciente da

Equipe de basquete atual do São Caetano Esporte Clube. Em pé, a partir da esquerda: Ricardo Vilena, Milton de Luca, Luciano Catalan, Carlos Eli Silva, Edson, Marcos Alexandre, Julio Tamasiuscas, Ricardo Damélio, Roberto Munhoz, Paulo Costa, Marcelo Rigotti, Laurentino Martin, Matey, Sidnei Colleoni, Rodrigo Soletti e Marcio Trambaioli. Agachados, a partir da esquerda: Felipe Mineti, Leandro Guerra, Rodrigo Costa, Diogo Alves, Alfredo Ayres, Marcio Campanharo, Rodrigo Silverio e Elber Paschoal



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Entre 1969 e 1974, o São Caetano Esporte Clube contou com uma poderosa equipe de basquete feminino, da qual fizeram parte jogadoras consagradas da seleção brasileira. Entre as conquistas, encontram-se títulos nacionais e internacionais, como o Torneio das Estrelas, realizado na cidade peruana de Chicalayo, em janeiro de 1972. Na imagem, as atletas durante a disputa desse campeonato. A partir da esquerda, Nilza (jogadora de Santo André que reforçou o time), Delcy, Elzinha, Marlene e Norminha

importância que o basquete representava na história do clube, formou um novo grupo, mais dinâmico. Laurentino Martin, Marcio Campanharo, Ricardo Damélio, Paulo Costa, além de Mineiro, começaram a promover mudanças.

A troca de horário do início dos jogos foi fundamental. Após isso, começamos a trazer atletas de fora da cidade para formar times. O grupo que antes tinha apenas oito ou nove jogadores logo passou a contar com 20, 25, 30 jogadores, e não parou mais de crescer. Da quantidade veio a qualidade e começamos a disputar os principais torneios de São Paulo e do ABC, sempre ficando entre os primeiros colocados.

O basquete, dentre outras modalidades esportivas, marcou a trajetória centenária do São Caetano Esporte Clube. Em relação aos personagens que contribuíram para o seu desenvolvimento, atuando tanto dentro quanto fora da quadra, estão nomes como os de José Crivelaro, Albano de Moraes, Waldemar Colleoni, dos irmãos Celidônio, Loschc e Lauriston Garcia, Ovídio Perrella, Maxidori Penacchi (Max), Alex Theodoro Sivuchin, dentre outros. Na imagem, uma das equipes formadas no clube, em foto da década de 1960. Em pé, a partir da esquerda, Aurélio Meloni, Sidnei Colleoni, Waldemar Flackner, Tora, Sérgio Scalzaretto (Alemão) e Oswaldo Sérgio Ruiz. Agachados, a partir da esquerda, Roberto Grassnin, Vicente, Jaime Pereira (Galinho), José Lourival de Almeida Rocha (Rochinha) e Luiz Guaranha

Acervo/Narciso Ferrari



Mas isso não é o motivo de nossa maior felicidade. Na verdade, é ver, hoje em dia, pais compartilhando a mesma quadra com filhos, além das crianças, nova geração do basquete, entusiasmadas com o sucesso do time do São Caetano, jogando, formando times e dando sequência ao trabalho iniciado no começo do século passado.

Com esta matéria, contamos um pouco da história do basquete no São Caetano Esporte Clube. Fica aqui a nossa gratidão a todos que, de alguma forma, fizeram parte dela, ao presidente, Franer Gonçalves Natera, e aos demais diretores, atuais guardiões do passado do clube e das glórias vividas, responsáveis pelo respeito a tudo que foi feito antes e pela continuidade ao trabalho realizado ao longo desses 100 anos. **R**

ROBERTO MUNHOZ
É VICE-PRESIDENTE DE ESPORTES DO SÃO
CAETANO ESPORTE CLUBE.

Ademir Medici

VOZES DO CENTENÁRIO

ELES CONTARAM HISTÓRIAS E
NARRARAM EPISÓDIOS VIVIDOS NO
SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE

“É como se cada tijolo assentado fizesse parte da alma deles.”

Cf. Airton Sigolo, dirigente histórico do São Caetano E.C., citado por Marina Ivete Miotto, responsável pelo vôlei do clube

“O único divertimento era o salão do São Caetano, na Rua 28 de Julho, com seus bailes e apresentações de dramas, em que meu pai (Francesco Paolillo) trabalhava no palco. Meu marido (João Nicolau Braido, o ‘Paraná’) era jogador de futebol. As peças que meu pai e outros – de cujos nomes não me lembro mais – representavam eram coisa bem estudada.”

Cf. Elvira Paolillo Braido, em depoimento gravado, concedido a Oscar Garbelotto e Aleksandar Jovanovic, em 30 de novembro de 1991, Fundação Pró-Memória, Programa Memória Viva de São Caetano, Raízes, ano III, nº 6, janeiro de 1992, p. 89 a 91.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Villa-Lobos, um dos grandes nomes da música clássica nacional, aparece por alguns segundos apenas em um filme em preto e branco recuperado pelo cinema brasileiro. Poucos segundos. Mas lá está o compositor como o vemos em retratos fotográficos. O filme recuperado é mudo, sem a alta resolução das imagens que costumamos observar nesses tempos de tecnologia avançada. Mas é o Villa-Lobos, e este documento, raro, ganha importância ainda maior.

No nosso Grande ABC, temos o São Caetano Esporte Clube, centenário neste ano da graça de 2014. E nos sentimos felizes em ter produzido o livro *Uma história de campeões*, sobre os primeiros 89 anos do clube, lançado em 2003,

numa festa da qual, infelizmente, não participamos fisicamente.

Daquele trabalho guardamos ternas recordações, de uma gente boa que nos acolheu em sucessivas mesas-redondas ou em gravações individuais. Gravações, quase todas, realizadas em 1999, 15 anos atrás. Guardamos todos aqueles depoimentos e, ao ouvi-los novamente, tantos anos depois, descobrimos que temos à mão um documento sonoro único que pode e deve ser valorizado e guardado.

São quase 30 horas de gravação. Memória oral pura. Passamos os olhos na lista dos entrevistados – mais de 60, do A de Auricchio, Miguel (Zinho), ao Z de Zamai, Reinaldo – e descobrimos, melancólicos, que a maioria já partiu. Consola-nos observar que suas vozes estão nítidas,

Uma das sedes do São Caetano Esporte Clube foi a da Rua Perrella, nº 36. Na imagem, aparece, em destaque, o prédio que a abrigou a partir de 1933. Na sequência, pode ser visto o Cine Central

perfeitas, ótimas para reprodução e sistematização em DVDs.

Vozes, muitas vezes, com o sotaque *italianado* dos mais velhos, todos brasileiros, mas filhos e netos dos italianos pioneiros que vieram colonizar São Caetano. Vozes emotivas quase sempre carregadas de saudades; vozes esperançosas, que nos convidam a visitá-los mais vezes em suas casas.

Na maioria dos casos, não tivemos mais contato. Permaneceram somente aqueles breves minutos em uma sala do complexo esportivo da Rua Ceará. E as gravações foram perpetuadas, sem imagens, infelizmente, mas com a respiração amorosa sentida nas fitas cassetes, que resistiram bravamente.

Patrimônio sonoro - Quando Narciso Ferrari nos convidou a escrever um texto para a revista *Raízes*, fizemos uma contraproposta. O que tínhamos para escrever está no livro de 2003. Mas temos as vozes do centenário. Por que não editar trechos de cada um dos entrevistados e preparar um CD para difundir aqueles sons apaixonados? Narciso concordou, mas não abriu mão de um texto deste repórter. Debruçamo-nos então sobre o pedido e nos pusemos a campo. Primeiro, o CD.

Desde o início sabíamos que seria difícil selecionar algumas poucas frases de cada entrevistado para a edição. Era muita coisa. Não caberia em um único CD. Mas, tentaríamos. Aparecido Lopes, nome de batismo de Marcelo Duarte, técnico de som consagrado da Rádio Eldorado, que reside em Santo André, topou. Ouvimos as fitas. E iniciamos a edição por ordem de gravação.

Só o primeiro bloco de entrevistas consumiu meia hora. O que fazer? Completamos os pouco mais de 55 minutos razoáveis de um CD com os quatro primeiros blocos. E deixamos as demais gravações em processo de espera. Quem sabe seja possível investir em um segundo CD. E

em um terceiro, pois há material para tanto.

O mais importante é aproveitar esta ocasião do centenário do São Caetano Esporte Clube para informar aos esportistas da cidade que temos as gravações, enriquecidas por material oferecido a nós pelo jornalista Milton Parron, da Rádio Bandeirantes, que cuida do *Projeto Memória*, do Centro de Documentação e Memória (CEDOM) da emissora. O material está à disposição dos interessados. Quem sabe, um dia, todas as fitas possam ser digitalizadas para futuras edições. Vamos ao que selecionamos.

Um hino – Quisemos abrir o CD com o hino do São Caetano E.C. Não encontramos gravações. Assim, a abertura é feita com os acordes do Hino Oficial de São Caetano do Sul. A letra é de José de Almeida Filho e a música de Roberto Manzo. O disco nos foi oferecido pelo ex-prefeito Raimundo da Cunha Leite.

*São Caetano pequeno gigante
Sob o céu estrelado de anil
És cidade, trabalho, és progresso
És infante do nosso Brasil!*

Uma coisa é ler no livro do São Caetano os depoimentos reunidos, outra, é ouvir, sentir a emoção de quem recorda e narra. O ângulo pode ser coletivo, mas a descrição sempre própria de quem seleciona o episódio a ser focalizado, mesmo que a partir da indagação do repórter.

Na resenha que compõe o CD, seguimos a ordem cronológica das mesas-redondas. As reuniões foram organizadas por Narciso Ferrari, o pensador do livro, dirigente histórico do São Caetano e memorialista.

**BLOCO 1 – Mesa-redonda
realizada em 16 de março de 1999**

Começamos com as declarações de Ben-

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



venuto José Thomé. Ele nasceu em São Caetano em 1908, antes, portanto, da fundação do São Caetano E.C., que é de 1º de maio de 1914, uma sexta-feira, feriado universal do trabalhador.

“Sou antigo daqui. Nasci no Bairro da Fundação em 21 de janeiro de 1908. Sou bem vivido! Noventa e um anos. Antigamente o São Caetano não tinha associação. Era como esses clubes de várzea. Então ele tinha sede na Sociedade Principe di Napoli. O pessoal se trocava na Principe di Napoli e o campo, sabe onde era? Aqui onde temos o Grupo Escolar Senador Flaquer. Depois, com o tempo, teve que sair de lá para a construção do prédio do grupo escolar. Então, o novo campo foi feito lá onde seria a Louças Adelina, em terreno da família Roveri. Perderam aqui, ganharam lá. Não era um terreno alugado, nada. O campo estava livre. Assim, eles iam jogar lá. Só que lá jogaram por uns sete, oito meses, e só. Depois, passaram aqui para a Rua 28 de Julho, perto da igreja velha e da Pamplona. Jogaram bastante tempo aí. Então, o Matarazzo comprou a área. Precisou sair. E o São Caetano foi jogar na Rua Paraíba e ficou muito tempo ali. Depois, veio a fase do Estádio Lauro Gomes, no tempo do prefeito Anacleto Campanella.”

Cf. Benvenuto José Thomé

Da primeira mesa-redonda participaram, também, José Pedro Braidó, Eduardo Luccas

(Sule), Geraldo Braidó, Miguel Auricchio, Mário Migliani, Affonso Luccas (Sulinho), Adalgisa Martorelli e Esmeralda Bechara.

“Quem vinha cantar muito no São Caetano era a Lolita Rodrigues. Ela frequentava o clube, participava dos bailes. Até chegou a namorar um rapaz de São Caetano. Vinha com a mãe. Depois, mais tarde, começou a aparecer na televisão e casou com o Airton Rodrigues.”

Cf. Esmeralda Bechara

BLOCO 2 – Mesa-redonda

realizada em 18 de março de 1999

Desta segunda mesa-redonda participaram Celidônio Garcia, Fausto Luiz Pina Júnior, Luiza Locoselli Pistorezzi, José Ferreira Loureiro, Antonio Nardino Garbelotti e Alexandre D’Agostini (Xandu).

“Nos carnavais, fazíamos sempre coisas diferentes. Numa ocasião fizemos chuva de confetes. Toda a diretoria e os associados participaram. Eram cartuchos colocados no teto. À meia-noite puxávamos o cordão e ocorria a chuva de confetes. Foi muito comentada na época.”

Cf. Fausto Luiz Pina Júnior

“No São Caetano acontecia a melhor matiné da região. Os trens vinham lotados de São Paulo. Despejavam todo mundo aqui e era aquela procissão de jovens até a Rua Perrella.”

Cf. José Ferreira Loureiro

“No final do catecismo, a gente parava na porta do estádio. O porteiro era o ‘Matarazzo’. Quando juntavam dez, 12 moleques, ele os colocava para dentro. Nos dias de jogos maiores, como São Caetano e Palmeiras, o ‘Matarazzo’ não deixava a gente entrar. Aí a gente dava a volta no quarteirão, ia no campo do Lazio, que ficava atrás do campo do São Caetano. Ali havia uma valetinha pela qual a gente ingressava no estádio sem pagar. Moleques, né?”

Cf. Alexandre D’Agostini (Xandu)

Carnaval de 1949, quando o clube localizava-se na Rua Perrella. A penúltima, à direita, fantasiada de odalisca, é Claudete Rosa Martorelli (hoje, Claudete Rosa Meloni)

Amistoso entre a equipe de basquete feminino do São Caetano e a seleção da Coreia do Sul, em 6 de junho de 1970, no Ginásio José Musumeci. Sob o comando do técnico Valdir Pagan Peres, o time alvinegro venceu por 42 a 39

BLOCO 3 – Mesa-redonda realizada em 23 de março de 1999

Neste bloco ouvimos as vozes de Lauro Garcia, comendador Antonio Garcia, Singerfrido Cavassani e Fábio Vieira Souza, o Fabião.

“Eu vim para o São Caetano com a idade de 16 anos para ser o 2º secretário, porque naquela época não havia elementos que soubessem escrever a máquina. Em 1930/1932, não se encontrava em São Caetano uma pessoa que soubesse escrever a máquina. E o São Caetano estava precisando de um datilógrafo. Era no tempo do Vicente Luiz Pina como 1º secretário.”

Cf. Lauro Garcia

“Eu nunca havia feito um gol. Sempre fui zagueiro. Naquele dia, faltou alguém e eu joguei na ponta-esquerda. Fiz o gol da vitória. Ganhamos de 2 a 1 no campo do (club) Primeiro de Maio, que ficava em frente à Igreja do Carmo, em Santo André.”

Cf. Singerfrido Cavassani

“A fusão partiu do capitão Rafael Oberdan de Nicola, que era o presidente do Comercial de São Paulo. Era um clubinho sem expressão, que não tinha como crescer. Então, o Nicola procurou a gente aqui para fazer uma fusão e disputar a primeira divisão. Acabamos nos acertando e surgiu o São Bento. Mas não durou muito não, porque o Oberdan queria tomar conta do negócio e a turma de São Caetano não aceitou. E a fusão foi desfeita.”

Cf. Fábio Vieira Souza, o Fabião

BLOCO 4 – Mesa-redonda realizada em 25 de março de 1999

Da reunião participaram Aurélio Loureiro Bastos, Yara Ferrari, Edna Joana Lorenzini Fenicio, Maria Helena Moretti Sigolo e Max Penacchi.

“Meu contato com o São Caetano foi em 1958. Eu era técnico varzeano pelo Vila Alpina, que havia se sagrado pentacampeão amador. Me



Acervo/Delcy Ellender Marques

procuraram. O São Caetano vinha de uma situação difícil. Tinha feito a ‘difusão’. Aceitei o convite. Foi minha primeira experiência como técnico profissional. Trouxemos alguns jogadores do Vila Alpina. Organizamos uma equipe mesclada para, pelo menos, honrar as cores do São Caetano.”

Cf. Aurélio Loureiro Bastos

“Na passagem do ano fazíamos aquela decoração do salão com bexigas e um cesto em cone. Do parapeito, lá em cima, com uns arames, à meia-noite, a orquestra tocando, a gente puxava os arames. Aquele cone abria e caía uma raspa de coco. Parecia neve. No meio, vinham algumas moedas também. Uma coisa maravilhosa, linda, linda, linda...”

Cf. Max Penacchi

BLOCO 5 – Mesa-redonda realizada em 30 de março de 1999

A abertura deste bloco foi feita por um craque do basquete do São Caetano, Dárcio Orlando. Na sequência, registramos o depoimento de outro jogador da modalidade, Sidnei Colleoni. Eugênio Bartolomeu Matielo se lembra dos bailes e de uma dançarina que marcou época, Ana Camarada. Finalizando o bloco, ouvem-se as vozes de Horácio Roveri e Ovídio Liberato Perrella. Os dois rememoraram os primórdios do São Caetano Esporte Clube. Também temos a voz emocionada de Nair Quaglia, viúva do saudoso Jaime Pereira, o Galinho.

“O primeiro salário que o Jaime recebeu, ele se filiou ao São Caetano Esporte Clube. Ele não tinha 14 anos. Dizia: tinha sido uma grande honra. Eu dizia a ele: ‘Você gosta mais do São Caetano do que da família. O clube vai te fazer uma homenagem no dia em que você morrer’. E, realmente, isso aconteceu. Meu marido foi velado no salão de festas do São Caetano Esporte Clube. E não só o São Caetano fez essa homenagem, como a cidade de São Caetano, já que o Jaime se dedicou demais ao esporte. Ele levava o nome da cidade de São Caetano e do São Caetano Esporte Clube ao apogeu. Ele adorava tudo. Hoje ele tem uma praça, na Avenida Kennedy, em seu nome.”

Cf. Nair Quaglia

Marcante do bloco também foi o papo, em pingue-pongue, com Olindo Quaglia, então com 92 anos.

“- Como o senhor se chama?

Eu me chamo Olindo Quaglia. Só que eu sou feio, mas é ‘o lindo’.

- Quantos anos o senhor tem?

Eu tenho 92 anos. Nasci numa fazenda chamada Bom Retiro, em Pedreira (São Paulo). Era 15 de janeiro de 1907.

Quando foi que o senhor veio para São Caetano?

- Vim para São Caetano em 1915. O São Caetano Esporte Clube estava começando.

- O senhor acompanhou este início do São Caetano?

- Acompanhei. Eu era torcedor, ainda moleque.

- O clube já tinha um bom time de futebol?

- Tinha. O campo de futebol ficava no terreno onde está hoje o Grupo Escolar Senador Flaquer. Depois, mudou para o terreno onde hoje está a fábrica de louças do Matarazzo. Aí ficou durante muitos anos. Depois, jogaram o São Caetano lá pra baixo, pelos lados da Rua Paraíba, Major Carlo Del Prete...

- Eu gostaria que o senhor voltasse a ser menino. Quando o senhor era menino, quais eram os jogadores de que o senhor gostava? Quais o senhor achava que eram os melhores?

- O Joaquim Zanini jogava bem. Os outros, deixa eu lembrar. O Manilli jogava bem. O Fiorotti. O Marinotti. Conforme as épocas, né?

- E a sede do São Caetano?

Ficava na Rua Perrella, era dos Lorenzini. Ali se fazia teatro, no Ideal também. Encenaram a *Paixão de Cristo*. E se saíram bem, viu! O João Pelegrini era o diretor cênico. O Mateus Constantino. O Octávio Tegão fez o Cristo. O Costa, Costinha, fez o Judas. As filhas do Dante Negrini. Para as cenas mais difíceis vinham atrizes de São Paulo.”

Nesta altura, Eugênio Bartolomeu Mattiello, ao lado de Olindo Quaglia, recorda uma passagem: “O Octávio Tegão traduziu uma peça argentina, *A Intrusa*. Ela foi mostrada no rádio pelo Manoel Durães e Edite Moraes. Uma peça muito bonita, por diversas vezes representada no São Caetano”. Olindo ainda completa: “O teatro ficava cheio, a cidade prestigiava”.

BLOCO 6 – Entrevista realizada com Marina Ivete Miotto em 6 de abril de 1999

Foi um longo depoimento gravado. Responsável pelo vôlei do São Caetano Esporte Clube, Marina Ivete Miotto avançou em outros temas. E lembrou-se de uma enchente, terrível, pela qual a depoente mostrou o amor de tanta gente pelo SCEC.

“Uma enchente de 1986, janeiro de 1986. Nunca mais eu vou esquecer. Foi uma enchente muito forte. Eu saí de barco dos bombeiros aqui de dentro. No dia seguinte retornei. O Airton (Sigolo) estava chorando. Sentado na arquibancada. Aquele piso de madeira veio tudo acima. Ele chorava feito um menino. Porque tudo aquilo que eles fizeram... Vem um e diz: ‘vamos derrubar

essa parede. Vem outro: ‘vamos fazer isso e aquilo’. Eles (os *diretores*) brigavam por essas coisas. Mas tudo voltado para um ideal, São Caetano (*clube e cidade*). Porque é difícil contar a história de São Caetano do Sul e não pôr a história do São Caetano Esporte Clube. Tudo se envolve, o esportivo, o lado social.”

Cf. Marina Ivete Miotto, a Marina do vôlei do clube e da cidade de São Caetano do Sul

BLOCO 7 – Depoimento complementar de Esmeralda Bechara em 6 de abril de 1999, em sua casa, quando ela nos vê passar depois de mais uma tarde no São Caetano E.C.

“Nos nossos bailes da primavera, uma fábrica de perfumes chamada Valery colocava tubos de perfume no salão que, a cada meia hora, exalavam perfume. Os tubos ficavam escondidos no meio das flores colocadas no mezanino do São Caetano, na Rua Perrella. No fim, a fábrica distribuía cartões perfumados com o aviso: ‘A perfumaria Valery perfuma este salão.’”

Cf. Esmeralda Bechara

BLOCO 8 – Mesa-redonda realizada em 14 de abril de 1999

Deste bloco participaram quatro históricos do São Caetano Esporte Clube: Henrique Lorenzini Filho, Ettore Dal’Mas, Maristela Manilli Rossi e Dolores Mercúrio.

“O São Caetano jogou neste dia, 25 de março de 1929, na decisão do campeonato de 1928, com Luccas, Fiorotti e Moura, Estanislau, Braidó e Eduardo, Lorenzini, Zanella, Batista, Guerreiro e o famoso ponta-esquerda Chiquitin.”

Cf. Henrique Lorenzini Filho, lendo e interpretando notícia publicada em *A Gazeta*

BLOCO 9 – Mesa-redonda realizada na mesma tarde de 14 de abril de 1999

Participaram dirigente, técnico e jogadoras do basquete. Elas fizeram história no São Caetano E.C. divulgando o clube nacional e internacionalmente. Participantes: Claudio Musumeci, Arthur Geraldo Lessa Laviaguerre e Paulinho Agrela. Jogadoras: Marlene José Bento, Delcy Ellender Marques e Elza Arnelas Pacheco (Elzinha).

“Foi uma repercussão muito grande a vinda da equipe do Rio para São Caetano. Elas eram muito famosas, a Marlene, a Delcy, a Norminha. Tinham um nome muito grande no Rio. E, quando vieram para cá, todo o basquete paulista se movimentou.”

Cf. Elzinha

BLOCO 10 – Mesa-redonda realizada em 20 de abril de 1999

Participantes: Arcília Vidales Cambaúva (dona Ercília), Norma Dias Dal’Mas, Eduardo Lorenzini Filho, Benvenuto Spagnuolo e Waldemar Dalcin.

“O Walter foi um excelente jogador. Jogava na defesa e o técnico Francisco Marinotti o colocou no meio de campo. Foi um sucesso. Apareceu demais. Daqui foi para o Ypiranga, depois para o Vasco da Gama e chegou à Espanha, onde, infelizmente, sofreu um acidente e veio a falecer.”

Cf. Eduardo Lorenzini Filho, que também jogou futebol e participou do juvenil do Corinthians Paulista

EPÍLOGO - Temos mais gravações a respeito da história do agora centenário São Caetano Esporte Clube. Vozes marcantes, com histórias saborosas.

- Gravamos com Josefina Spagnuolo, a grande cantora lírica de São Caetano, que chegou a se apresentar no Teatro Scala, de Milão (Itália). Com ela fizemos um programa exclusivo para a Rádio Emissora ABC, de Santo André. E preservamos a sua voz interpretando canção clássica do seu tempo de estrela nacional e internacional.

- Com Narciso Ferrari, Henry Veronesi e Carlos Norberto Loureiro, descobrimos os tempos da Banda Taiuva e as festas juninas do São Caetano, além de repassarmos e confirmarmos passagens históricas do clube.

- Individualmente, gravamos com os craques Date (Walter Sebastião Gaspari), Reinaldo Zamai e, em 2009, com Rino Tomei, que nos procurou na redação do *Diário do Grande ABC*. Há décadas não retornava ao São Caetano E.C. Fomos com ele e fizemos um programa especial para a TV local.

- Milton Parron, consagrado radialista das rádios Bandeirantes e USP, colaborou com o projeto, fornecendo gravações inéditas dos tempos do Comercial e do São Bento, realizadas no Estádio Anacleto Campanella. *Do Morro dos Ventos Uivantes*, nomes importantes da crônica esportiva transmitiram jogos, como Darcy Reis e Fiori Giglioti.

- Na conclusão do primeiro CD, para marcar o centenário do São Caetano E.C., citamos o hino do clube. A letra é de Albino Martorelli, e a música é do maestro Claudio, do Toscano e sua orquestra.

- Não temos a melodia do hino. A esperança é a de que, um dia, a música apareça e esta linda composição possa, enfim, recuperar a sua música para uma possível e necessária gravação.

Letra do hino do São Caetano Esporte Clube

*Salve o São Caetano/ Clube do meu coração.
Tu és o orgulho/ Do Bairro Fundação*

*Ah! São Caetano querido/ És forte como uma rocha
Tu és campeão de futebol, basquete, vôlei e bocha*

*Nascestes no dia memorável/ do trabalhador universal
Tu tens a nobreza e a raiz/ Daquele que engrandece este país*

*Tens orgulho do teu passado/ e a nós traz muita saudade
porque és o nosso clube amado/ o mais querido da cidade*

*Tens o nome de um santo padroeiro, beleza sem vaidade
Tens tudo, no entanto ao pioneiro/ O nosso amor e amizade*

- Vozes gravadas, vozes que não podem se perder... gravações que guardamos: Miguel Aurichio (Zinho), Aurélio Loureiro Bastos, Esmeralda Bechara, Dolores Mercúrio, Elvira Paolillo Braidó, Geraldo Braidó, José Pedro Braidó, Arcília Vidales Cambaúva (Dona Ercília), Singerfrido Cavassani, Sidnei Colleoni, Waldemar Dalcin, Ettore Dal'Mas, Norma Dias Dal'Mas, Alexandre D'Agostini (Xandu), Narciso Ferrari, Yara Ferrari, Otavio de Luigi Fiorotti, Antonio Garcia (comendador), Lauro Garcia, Antonio Nardino Garbelotti, Celidônio Garcia, Walter Sebastião Gaspari (Date), Clemente Gimenez, Edna Joana Lorenzini Fenicio, Hélio Fiorotti, Edna Lorenzini, Eduardo Lorenzini Filho, Hélio José Lorenzini, Henrique Lorenzini Filho, Carlos Norberto Loureiro, José Ferreira Loureiro, Affonso Luccas (Sulinho), Eduardo Luccas (Sule), Adalgisa Martorelli, Eugênio Bartolomeu Matielo, Mário Migliani, Claudio Musumeci, Dárcio Orlando, Max Penacchi, Osvaldo Perrella, Ovídio Liberato Perrella, Ália Issa Pina, Fausto Luiz Pina Júnior, Luiza Locoselli Pistorezzi, Nair Quaglia, Olindo Quaglia, Maristela Manilli Rossi, Horácio Roveri, José Sacucci Filho, Maria Helena Moretti Sigolo, Marina Ivete Miotto, José Siqueira, Waldemar Siqueira, Fábio Vieira Souza, Benvenuto Spagnuolo, Benvenuto José Thomé, Henry Veronesi e Reinaldo Zamai. Há também as jogadoras Delcy Ellender Marques, Elza Arnelas Pacheco (Elzinha) e Marlene José Bento, e o técnico Arthur Geraldo Lessa Laviaguerre.

- Gravação histórica: São Bento, 2 São Paulo F.C., 2 (acervo Cedom – Rádio Bandeirantes). Ano: 1955.

- DVD: entrevista com veteranos do futebol, no campo society do SCEC, quando houve o reencontro com o craque Rino Tomei, que hoje reside em Santo André. Ano: 2009. **R**

ADEMIR MEDICI

É JORNALISTA, COM MAIS DE 30 LIVROS PUBLICADOS SOBRE HISTÓRIA E MEMÓRIA, CRIADOR E TITULAR DA PÁGINA *MEMÓRIA*, DO *DIÁRIO DO GRANDE ABC*, QUE VEM SENDO PUBLICADA DESDE 1987 (COMPLETANDO 27 ANOS DE PUBLICAÇÃO ININTERRUPTA EM 2 DE SETEMBRO DE 2014).

PARA CELEBRAR OS 100 ANOS DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE (SCEC), ESTA MATÉRIA REÚNE FATOS MARCANTES

VOCÊ SABIA

- Walter Marciano de Queiroz foi o mais importante atleta que o clube já teve em seus quadros. O jogador veio da Portuguesa e passou pelo São Caetano Esporte Clube, Clube Atlético Ypiranga, Santos, Vasco da Gama, chegando até mesmo a atuar pela seleção brasileira. No exterior, jogou pelo Valencia, da Espanha, onde morreu em acidente automobilístico;

- Queiroz formou a famosa linha do Santos com Elzo (também ex-São Caetano Esporte Clube), Walter, Del Vecchio, Vasconcelos e Tite, em 1954;

- O zagueiro José Fiorotti, campeão do Interior pelo clube, em 1928, foi para a Portuguesa, tendo passado também pelo São Paulo, Seleção Paulista, Sport Recife e Náutico, no qual se tornou técnico;

- Francisco Marinotti, jogador do São Caetano Esporte Clube, seguiu para o Palmeiras, formando a linha Marinotti, Viladônica, Echevarrieta, Lima e Pipi, na década de 1940;

- Como técnico do clube, Marinotti levou o SCEC três vezes ao quadrangular final da segunda divisão de profissionais da Federação

Paulista de Futebol;

- Além de técnico formado, sem receber honorários do clube, Marinotti empregava jogadores em sua fábrica, tendo emprestado 200 mil cruzeiros ao clube em 1950, e igual quantia em 1962 para o SCEC poder pagar suas despesas, sem juros;

- Alan, que formou zaga com Homero no Corinthians, em 1954, jogou no SCEC na ponta direita. Marinotti o escalou como zagueiro. Alan terminou sua carreira na Portuguesa Santista;

- Rafael Chiarella jogou no clube em 1953, depois formou a famosa linha do Corinthians com Cláudio, Luizinho, Baltazar e Carbone;

- Joseph Fuchs, diretor do SCEC por muitos anos, foi vice-presidente de esportes do Corinthians, em 1954;

- O mesmo aconteceu com o cantor do clube e também do Clube Comercial, Humberto Gregnanin, que foi vice-presidente de esportes da Sociedade Esportiva Palmeiras;

- Depois de fundada a Federação Paulista de Futebol, vários jogadores de grandes times encerraram carreira no São Caetano, a exemplo de Tunga, do Palmeiras, Paulo e Imperato, da Se-

DA HISTÓRIA DO CLUBE E QUE POUCOS CONHECEM, DESCRITOS PELO SEU EX-PRESIDENTE NARCISO FERRARI.

QUE...

leção Paulista de Futebol, e Mamede, do Corinthians;

- Dante da Ros, cantor do clube, tinha três irmãos: Angelo, que também cantava no São Caetano Esporte Clube, Felipe, na General Motors, e Conrado, na Pirelli, de Santo André;

- A arquibancada do estádio da Rua Paraíba tinha capacidade para 600 pessoas sentadas;

- O distintivo do clube foi criado em 1932 por José Maria Lavava Malavasi, que fazia esculturas de mármore em sua oficina, na Rua Rodrigues Alves. Contudo, poucos notaram que o mastro foi feito do lado direito e não do esquerdo, como deveria ser;

- A cada aniversário do clube era costume trazer alguns artistas, cantores ou comediantes para celebrar a data. Passaram por lá nomes como Francisco Alves, Orlando Silva, Adoniran Barbosa, Neide Fraga, Norma Ardanui e orquestras como Osmar Milani, Continental de Jaú e William Fournaut. Em uma ocasião, contratamos a orquestra Copacabana do Clube Comercial, de Afonso Torossian, e a orquestra Batista, de Batista Negro do SCEC, que tocaram até as 4h

da manhã seguinte. Entretanto, o maior sucesso foi o show de Chica Pelanca que, na década de 1940, superlotou a sede social, na Rua Perrella;

- O Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, da elite da cidade, foi fundado após uma briga entre os diretores do São Caetano Esporte Clube, entre eles Octávio Tegão, José Musumeci, Fernando Piva e outros;

- Muitos italianos estavam presentes na assembleia de fundação do SCEC e eles deram como sugestões de nomes para o time: Vêneto, Mantova e outras cidades de origem italiana. Foi quando Accácio Novaes, primeiro presidente da Câmara Municipal, levantou-se e propôs o nome de São Caetano Sport Clube, denominação aceita e depois modificada para São Caetano Esporte Clube, em 1933;

- Ettore Manilli foi goleiro titular do clube por 15 anos e ninguém se encorajava a substituí-lo, pois seu irmão, Silvério Manilli, era vice-presidente esportivo e Firmino Garbellotti, seu cunhado, era tesoureiro. Foi feita uma peneira e apareceram três goleiros: Mario De Sordi (Chipiu), do Lazio, também cunhado do

Firmino Garbelotti, Geraldo, do Flor do Mar, e Miguel Auricchio, do Cruzada Esportes. Entretanto, Ettore Manilli continuou como titular. Quando o clube ingressou na segunda divisão de profissionais, Auricchio foi escolhido, pois seus tios Frugoli e Jacob João Lorenzini foram eleitos diretores esportivos. Chipiu foi para o SPR, hoje Nacional, da capital, e Geraldo ficou na reserva.

- A maior goleada que o clube sofreu foi contra o Santos, na Vila Belmiro, por 7 a 1, na estreia de Cláudio Cristovam do Pinho, em jogo amistoso. Na partida de volta, realizada em São Caetano, o placar foi 5 a 1 para o Santos. A maior vitória do São Caetano Esporte Clube, quando disputava a segunda divisão de profissionais, foi em 1949, em São Bernardo do Campo, contra o Palestra Esporte Clube, por 7 a 1;

- Durante um jogo em Votorantim, interior de São Paulo, contra o time da mesma cidade, fazia muito frio e antes de os jogadores entrarem em campo, um técnico húngaro, apresentado por Joseph Fuchs, deu aos atletas uma taça de vinho branco. Neste dia, o São Caetano Esporte Clube venceu por 3 a 2;

- Sempre houve rivalidade entre os bairros da Fundação e Cerâmica. O senhor João Dal'Mas (goleiro) da Associação Atlética Brasil, clube da várzea do bairro, foi treinar no Palmeiras. Francisco Massei, pai de Oswaldo Massei, presidente do Cerâmica Futebol Clube, comprou a manchete do jornal *O Esporte*, de Lídio Piccinini, que dizia que Massei (goleiro) estava treinando e possivelmente seria contratado pelo Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Que eu saiba, Massei jogou no gol do Cerâmica F.C. em companhia de Indico e Aga, seus reservas, poucas vezes pelo São Caetano Esporte Clube e encerrou sua carreira no Meninos Futebol Clube;

- Três jogadores que residiam em São Caetano do Sul jogaram por outras equipes na segunda divisão de profissionais e nunca defenderam o São Caetano Esporte Clube. Foram eles: Radamês Nobile e Dionísio Sturaro, ambos do Rio Pardense, e Silvio Fázia, do Esporte Clube São Bernardo;

- Em jogo das equipes amadoras do São Caetano Esporte Clube, Angelo Marinotti, que tinha temperamento impetuoso, foi sentar-se no banco em pleno andamento do jogo. Quando questionado pelo técnico, João Galhardo, o motivo de ele não mais jogar, respondeu: “Porque ninguém passa bola para mim”;

- Em um determinado jogo de futebol de salão entre o São Caetano Esporte Clube e o Primeiro de Maio, de Santo André, os diretores do time adversário jogaram parafina e fubá para que o piso de madeira ficasse escorregadio. A equipe de Santo André venceu por 9 a 1. Quando questionei Wilson Apolônio, ex-atleta do São Caetano Esporte Clube, o motivo de eles terem feito isto, ele respondeu: “Você, Narciso, está dizendo isto porque vocês têm uma quadra de cimento”;

- Os estatutos sociais do SCEC eram de “gaveta” desde a data de sua fundação até 19 de dezembro de 1934, quando foram registrados pelo presidente João Baptista de Lima no Cartório de Registro de Títulos e Documentos, pertencente ao J. S. Arruda, em São Paulo;

- Este e os demais artigos foram feitos sem consulta a livros, atas, jornais e pessoas, simplesmente apliquei o que aprendi com o frei Albino Aresi em um curso de treinamento autôgeno. **R**

SÃO CAETANO ESPORTE

1914

GRANDIOSO FESTIVAL

EM COMEMORAÇÃO AO 31.º ANIVERSARIO

Dia 29 de Abril - Domingo

PROGRAMA

Em Nossa Praça de Esportes

Espectacular torneio início da 2.a divisão o qual será realizado em nosso campo por nimia gentileza da Liga Santoandreense de Futebol, colaborando desse modo em nossas festividades de aniversario.

ORDEM DOS JOGOS

Às 9,00 horas	★	E. C. U. Vila Bela	x	E. C. Paulistano
" 9,35 "	★	Monte Alegre F. C.	x	Vila Prosperidade F. C.
" 10,10 "	★	Jabaquara A. C.	x	Piratininga F. C.
" 10,45 "	★	A. Mecanica F. C.	x	C. Elite Utinga
" 11,20 "	★	Vila Alpina F. C.	x	Cruzada Esporte
" 11,55 "	★	C. E. Rio Branco	x	Soc. Esp. São Caetano
" 12,30 "	★	A. Corinthians	x	C. A. Flôr do Mar
" 13,05 "	★	Vencedor 1.º	x	Vencedor 2.º
" 13,40 "	★	" 3.º	x	" 4.º
" 14,15 "	★	" 5.º	x	" 6.º
" 14,40 "	★	x 7.º	x	" 8.º
" 15,15 "	★	x 9.º	x	x 10.º
" 15,40 "	★	x 11.º	x	x 12.º

Finalistas para o dia 1.º de Maio.

Os jogos serão disputados com tempo de 15 x 15 devendo os horarios marcados serem rigorosamente obedecidos.

O vencedor do torneio da Liga Santoandreense de Futebol, ficará de posse de uma rica taça, gentil oferta do Dr. Roberto Gomes Caldas Filho.

Ao vice-campeão será ofertada uma bellissima taça oferecida pela Tipografia Carioca.

PREÇO UNICO CR\$ 2,00

SOCIOS DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUB

O JOGO PRINCIPAL DO DIA 1.º DE MAIO SERÁ ÀS 15,30 HORAS

SÃO CAETANO E. C. versus

Cartaz de festival esportivo realizado em 1945
Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

ÀS 9,00

Juv. S

ÀS 10,00

SÃO C

ÀS 13,00

Ence

ÀS 13,20

Hastea tendo como m

ÀS 13,50

Cera

O S de prata ao

Tod senhores F e associado

Tip. São Caetano - Rua Jabaquara, 900

01.



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Acervo/Claudete Rosa Meloni

03.



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

02.



Acervo/Narciso Ferrari

01.

Equipe do São Caetano Esporte Clube no campo da Rua 28 de Julho, em foto de 1926. Em pé, a partir da esquerda, José Giardullo, Teodomiro Sigolo, Menguinho, João Nicolau Braido (Paraná), Peroba, Perrella (Joá), Armando Vinheiro, Gallo, José Brás e Victório Dal'Mas. Agachados, a partir da esquerda, Pó de Arroz, Antônio Guerreiro, Batista Mantovani, Manoel Linhan (Chiquitin) e Henrique Lorenzini

02.

Prefeito Ângelo Raphael Pellegrino no campo da Rua Paraíba. Os jogadores são Nelson Moraes (à esquerda) e Loris Cersosimo

03.

Foto tirada por ocasião do jogo entre São Caetano Esporte Clube e Portuguesa de Desportos, em 16 de maio de 1933, no campo da Rua 28 de Julho. À direita, o jogador Albino Martorelli, do São Caetano. A Portuguesa venceu a partida pelo placar de 2 a 1

04.

Grupo de moças fantasiadas durante a comemoração do carnaval de 1945, no São Caetano Esporte Clube. Foi identificada Dolores Mercúrio Bombassei (a primeira, à esquerda). A presença das mulheres nos eventos e datas comemorativas já era, na época, uma realidade dentro do clube, graças à atuação do Departamento Social Feminino. Reorganizado em 1943 (a agremiação, a partir de 1933, passou a contar com uma seção feminina), tal departamento era presidido por Lucrecia Spachacqueria. A tesouraria ficava a cargo de Dolores Mercúrio. A promoção da vinda de artistas famosos do rádio foi uma das realizações desse departamento

04.



05.



Arquivo/Maria Theresia Rossi Lorenzini

06.



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

07.



Arquivo/Maria Theresia Rossi Lorenzini

08.



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Sérgio Luiz Lorenzini, jogador do São Caetano Esporte Clube, ao lado de uma criança da família Barontini, em foto de 1949.

Nascido em São Caetano do Sul, em 29 de março de 1930, com 17 anos, já brilhava na Seleção Paulista Juvenil. Jogou no São Caetano entre os anos de 1948 e 1949. Atuou ainda no Paulista de Jundiá, no Clube Atlético Juventus e no Clube Atlético Ypiranga

05.

Homenagem prestada pelo São Caetano Esporte Clube aos combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na 2ª Guerra Mundial

06.

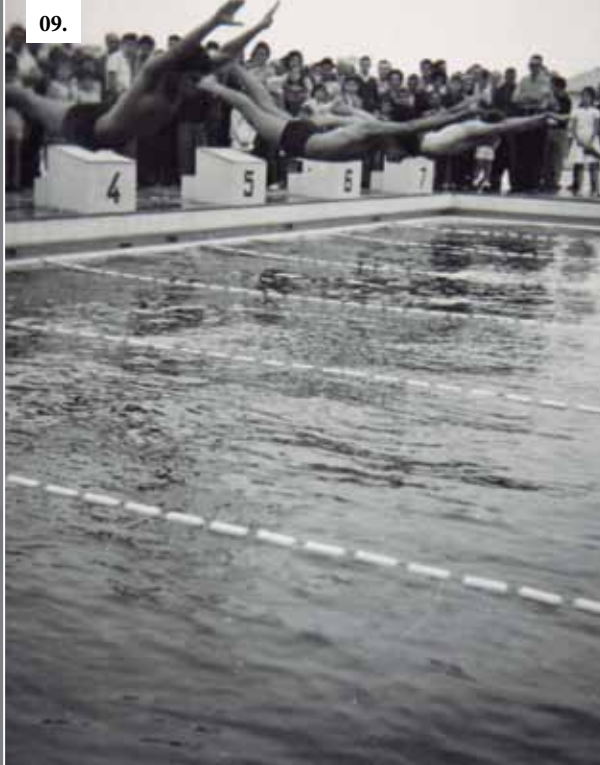
Equipe de futebol do São Caetano em campo do Amparo Atlético Club, no interior de São Paulo. Em pé, a partir da esquerda, Miguel Auricchio (Zinho), Escovinha, Sérgio Lorenzini, Neno, Antônio Mosca e Ninim. Agachados, a partir da esquerda, estão: Sulinho, Camargo, Antônio Albano de Moraes (Andó), Wilson Apolônio e Elzo Lazzuri. Foto de 1948

07.

Foto tirada em 1949, no campo da Rua Paraíba. Nela, estão autoridades políticas e do segmento esportivo do recém-criado município de São Caetano do Sul. A partir da esquerda, Luiz Mantovani, Benedito de Moura Branco, Humberto Cecatto e Ângelo Raphael Pellegrino

08.

09.



Acervo/Núcleo Ferruzzi

Acervo/Claudete Rosa Meloni

10.



Acervo/Claudete Rosa Meloni

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

11.



Acervo/Claudete Rosa Meloni

13.



09. Inauguração do conjunto de piscinas do clube, na sede da Rua Ceará, em 29 de setembro de 1963

10. Foto tirada por ocasião de um baile no São Caetano Esporte Clube, na sede da Rua Perrella. Foram identificados, a partir da esquerda, Arlete, Claudete Rosa Meloni, Lídia e Ronaldo Perrella

11. Equipe do São Caetano em foto tirada durante a disputa da segunda divisão do campeonato paulista, em 1958. Em pé, a partir da esquerda, Maurílio Meloni (Lilo), Wlade, Rubens de Almeida, Nelson Totó, Nardo e Tostão. Agachados, a partir da esquerda, Serginho, Nininho, Modesto, Zé Carlos e Bernardo

12. O boxeador italiano, Primo Carnera, campeão mundial na categoria peso pesado, em 1934, ao lado do antigo atleta do São Caetano, Albino Martorelli (à esquerda de Carnera), do então prefeito, Oswaldo Samuel Massei, de Francisco Massei (Chicão) e do garoto Dante Massei. Foto tirada em 16 de novembro de 1960, durante a visita do famoso pugilista à cidade

13. Baile de Carnaval no São Caetano Esporte Clube, em 1962. Em destaque, as duas irmãs vencedoras do concurso das melhores fantasias

12.



14.



Arquivo/Claudete Rosa Alboni

15.



Arquivo/Narciso Ferrari

16.



Arquivo/Narciso Ferrari

14.

Luiz Martorelli durante a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da atual sede social do São Caetano Esporte Clube (Rua Ceará), em 1º de maio de 1965. Líder autonomista, Martorelli foi um dos fundadores do clube

15.

Membros da diretoria do clube, no período 1964 – 1965. A partir da esquerda, Oscar Garbelotto (diretor jurídico), Manoel Claudio Novaes (2º vice-presidente) e Jaime Pereira, o Galinho (diretor geral de esportes)

16.

Homenagem aos ex-presidentes durante a comemoração do cinquentenário do clube, em 1º de maio de 1964. Foram identificados, em pé, a partir da esquerda, Armelindo Franchini (Carioca), Lauro Garcia (com o microfone), Mário Luiz Tegão, Nicolino Pucetti e Narciso Ferrari (de terno claro, o último). Sentados, a partir da esquerda, Henrique Lorenzini, Paulo Perrella, Antônio do Prado, Daniel Giardullo e Luiz Mantovani

17.



Arquivo/Narciso Ferrari

17.

Diretoria do São Caetano Esporte Clube, em foto de 11 de março de 1964. Em pé, a partir da esquerda, Luiz Da Dalt (2º secretário), Clemente Gimenez (diretor social), Nelson Perrella (1º tesoureiro), Darcy de Paula (1º secretário), Francisco de Paula Lopes (3º tesoureiro), Lydio Benavente (diretor de patrimônio) e Laerte Sigolo (3º secretário). Sentados, a partir da esquerda, Cláudio Perrella (tesoureiro geral), Narciso Ferrari (presidente), Oswaldo Sérgio Ruiz (1º vice-presidente), Salvador Lorente (secretário geral) e Wilson Bartolomeu da Prata (2º tesoureiro)

18.



Acervo/Luiz Romano

Flagrante de 1966 da equipe de basquete juvenil. Em pé, a partir da esquerda, estão: o diretor Arthur Laviaguerre, o massagista Mário Romano, Luizão, Edson, Ghiotto, Edécio, e os diretores Claudio Musumeci e Jaime Pereira (Galinho). Agachados, vemos: Perrella, Favoretto, Adevanir e Miguel

18.

Equipe do São Caetano antes de uma partida de basquete do Torneio das Estrelas, disputado em janeiro de 1972, na cidade peruana de Chiclayo. A partir da esquerda, Rosália, Delcy, Marlene, Maria Angelina, Jacy, Norminha, Nilza, Elzinha, Benta e Odetinha

19.

19.



Acervo/Deddy Elendy Marques

O vôlei feminino ocupa também lugar de destaque na história do São Caetano Esporte Clube. A partir de 1975, conquistou uma maior visibilidade e projeção por conta da montagem de uma equipe competitiva que contava com jogadoras provenientes do poderoso plantel do Pinheiros e da seleção brasileira. Naquele ano, o time alvinegro sagrou-se campeão paulista. Era o prenúncio de outras importantes conquistas que viriam nos anos subsequentes, como as registradas no início da década de 1990, período correspondente ao patrocínio esportivo da marca Colgate (Colgate/São Caetano E.C.). Na imagem, as atletas campeãs de 1975.

20.

Em pé, a partir da esquerda, Cássia Montanarini, Maria Denise Racca, Glória Zingoni, Marina Ivete Miotto Silva, Irma Agulha Conrado, Airton Sigolo e Dr. Vitta. Agachadas, a partir da esquerda, Vera Gamberini, Elza José, Sandra Dametto, Silvia Montanarini e Marisa Dorta

20.



Acervo/Marina Ivete Miotto Silva

21.



Acervo/Maria Theresi Rossi Lorenzini

Cássia Theresia Lorenzini durante a disputa dos Jogos Abertos do Interior, na cidade de Tupã, em setembro de 1976. Cássia começou a praticar tênis com 15 anos e, ao longo de sua carreira, sempre defendeu as cores do São Caetano Esporte Clube e do município, conquistando importantes títulos nas categorias individual e de dupla feminina e mista, como o de campeã paulista, ao lado de Laércio Marconi Bariatto, em 1982.

21.

A ex-jogadora de tênis chegou a ocupar a oitava posição no ranking nacional e, com nomes como os de Sérgio Luiz Lorenzini (responsável pela formação das equipes oficiais de tênis de campo de São Caetano do Sul e da agremiação), Givaldo Barbosa, entre outros, ajudou a escrever uma importante página da história da modalidade no clube e na cidade

Embora o São Caetano Esporte Clube só viesse a ter suas canchas de bocha a partir de maio de 1979, por iniciativa de Albino Martorelli, antigo atleta do clube (ex-jogador de futebol, técnico e jogador de bocha), a agremiação chegou a praticar a modalidade, no passado, sob a coordenação de Umberto Piccolo. Na época, o palco dos campeonatos eram espaços populares da cidade, como o Bar do Momi, no Bairro da Fundação. Com a inauguração do campo de bocha, o São Caetano organizou uma comissão para cuidar da prática dessa modalidade, a qual, sob a coordenação de Albino Martorelli, era formada por Adolfo Quaglia, Eduardo Lorenzini Filho, Mário Migliani, Nadin Bechara, Natalino de Carli, Osmir Placiano e Alexandre D'Agostini (Xandu). Com a formação de tal comissão, o clube começou a disputar o campeonato pela quarta divisão. Dois anos depois, em 1981, já estava na primeira divisão e, no ano seguinte, na divisão especial. Em 1983, sagrou-se campeão. Na imagem, a equipe campeã. A partir da esquerda, foram identificados Francisco Beneventi, Gauchinho, Ailton Bassi Garcia (diretor da modalidade), José Sacucci Filho (presidente do clube), Waldemar e Eduardo Lorenzini Filho

22.

22.



Acervo/Claudete Rosa Meloni

23.



Arquivo/Cláudia Rossi Meloni

24.



Arquivo/Sônia Caetano Esporte Clube

25.



Arquivo/Maria Thereza Rossi Lorenzini

26.



Arquivo/Maria Thereza Rossi Lorenzini

27.



Arquivo/Cláudia Rossi Meloni

28.



Arquivo/Sônia de Fátima Rocco

23. A prática da bocha, no clube, não ficou restrita aos homens. O primeiro torneio feminino promovido pela agremiação ocorreu em 1979, com a participação de 12 associadas, distribuídas em seis equipes. Nesta foto, da década de 1980, foram identificadas, a partir da esquerda, as jogadoras Adalgisa Spaggiari Martorelli (a segunda, na fileira), Rosa Martinez, Vilma Migliani, Selma Migliani, Izilda João e Maria de Lourdes João. Agachados, Arjonas (à esquerda) e Mário Migliani (técnico)
24. Credencial do pugilista do São Caetano Esporte Clube, Osvaldo Valverde. Falar da prática do boxe no clube é registrar o papel desempenhado pelo técnico Artur Tacioli, que ensinava os segredos da nobre arte em um ringue montado nas dependências da agremiação, quando se encontrava sediada na Rua Perrella. Dentre os atletas que foram treinados por ele, estava Rubens Fredenhagen Vasconcellos, boxeador que representou o Brasil nos Jogos Pan-Americanos, disputados em 1963, em São Paulo
25. Inauguração de quadra de tênis no São Caetano Esporte Clube na década de 1970. Na imagem vemos, a partir da esquerda: Eduardo Nakur, Mauro Chekin, José Sacucci, comendador Antonio Garcia, Atilano dos Santos, João Bonaparte, Sérgio Lorenzini e Maria Thereza Rossi Lorenzini
26. Equipe de 1ª classe feminina do São Caetano Esporte Clube, campeã estadual interclubes, em 1998, ao lado de Maria Esther Bueno. A partir da esquerda, Sumara Passos, Luciana Tella, Givaldo Barbosa (técnico), Maria Esther Bueno, Cassia Thereza Lorenzini e Carla Bazzon
27. Os irmãos Paula e Ricardo Rogério Meloni festejando o carnaval no São Caetano Esporte Clube (sede da Rua Ceará), no final da década de 1970
28. Reprodução de carteiraira de sócio e dependente do São Caetano Esporte Clube. Antonio Rocco foi o sócio número 992

Homenagem aos FUNDADORES

Accácio Novaes
Adelmo Vecchi
Alberto Piva
Ângelo De Nardi
Ângelo Garbelotti
Ângelo Giacomini
Ângelo Veronesi
Antonio Braido
Antonio Fiorotti
Antonio Garbelotto
Antonio Roveri
Antonio Roveri Sobrinho
Armando Miazzi
Benedito Cavana
Caetano Garbelotti
Carlos Piva
Celeste Dalcin
David Bortolini
Dionísio Scarciofolo
Donato Perrella
Eduardo Ascencio
Eliseu Carnevalli
Faustino Roveri
Ferruccio Cavalari
Francisco Fiorotto
Francisco Garbelotto
Giácomo Dalcin

Gino Cesca
João Buso
João Perrella
João Romaldini
João Urbano Giacomini
Joaquim Zanini
José Bertolucci
José Degli Sposti
José Fernandes
Luiz D'Agostini
Luiz Martorelli
Luiz Roveri
Luiz Tasca
Nestor Zanini
Nicolau Perrella
Octávio Tegão
Olimpio Teodoro da Silva
Orlando Biagi
Paulo Perrella
Paulo Uliana
Pedro Biagi
Primo Darré
Ricieri Biagi
Serafim Vecchi
Silvério Manilli
Sílvio Buso
Tomas Tomé

Relação dos PRESIDENTES do São Caetano Esporte Clube

Paulo Perrella – 1914-1915
 Luiz Martorelli – 1916
 Júlio Marcucci – 1917
 Accácio Novaes – 1918
 Antonio Barile – 1919
 Américo Juliano – 1921-1922
 João Vamondes – 1923
 Ettore Lantieri – 1924
 José Theodomiro Sigolo – 1925
 Francisco Paolillo – 1926
 Antonio Barile – 1927
 Ettore Lantieri – 1928
 João Jacob Lorenzini – 1929
 João Batista de Lima – 1930 a 1932
 Henrique Lorenzini – 1933
 João Batista de Lima – 1934
 João Jacob Lorenzini – 1935-1936
 João Batista de Lima – 1937
 José Musumeci – 1938
 José Giardullo – 1939 a 1943
 Lauro Garcia – 1944
 Ermelindo Locoselli – 1945
 Lauro Garcia – 1946
 Armelindo Franchini – 1947
 Jacob João Lorenzini – 1948-1949
 Hermógenes Walter Braidó – 1950
 Octávio Tegão – 1951

Hermógenes Walter Braidó – 1952-1953
 Nicolino Puccetti – 1958-1959
 Narciso Ferrari – 1960 a 1965
 Airton Sigolo – 1966 a 1969
 Antonio Nardino Garbelotti – 1970-1971
 Clemente Gimenez – 1972 a 1976
 José Sacucci Filho – 1977
 Rosário Rapuano – 1978
 Adherbal Bassi Garcia – 1979
 José Ferreira Loureiro – 1980-1981
 José Sacucci Filho – 1982-1983
 Alexandre D'Agostini – 1984-1985
 Josival Belarmino da Silva (Divú) –
 1986 a 1990
 Márcio Della Maggiora – 1991 a 1993
 Arturo Rafael Ortola Simo – 1994-1995
 Gerardo Siciliano – 1996-1997
 Wladimir Pacheco – 1997 a 2001
 Balbo Santarelli – 2002
 Antonio Luiz Roveri – 2004 a 2008
 Gilberto Gil Serrano – 2009 a 2011
 Franer Natera Gonçalves –
 2012 até os dias atuais

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MEDICI, Ademir. *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: NeoGraf Ind. Graf. e Editora, 2003.

HOJE-26 DE AGOSTO-DOMINGO

Grande Festival Esportivo organizado pela comissão esportiva do São Caetano E. C. em homenagem ao "São Caetano Jornal"

ORDEM DO PROGRAMMA

- 1.º Jogo — às 12 ½ horas: 2.º quadros do S. Caetano E. C. x Hungaros Paulistanos em disputa de um Bronze.
- 2.º Jogo — às 13.40 horas: 1.º quadros do Ceramica F. C. x C. A. Adclinas em disputa da taça "FRANCISCO PAOLILLO", offerecida por um grupo de socios.

SÃO CAETANO ESPOR

Campeonato Interno de Segunda-feira ultima corrente, teve inicio o interno de ping-pong, entre as turmas Lantier F. C., vencendo aquella 162 pontos.

As turmas este titni

S. CAETA

CON

Reun

Reproduções de matérias publicadas no São Caetano Jornal e Jornal de São Caetano nos dias 19 de fevereiro de 1928, 28 de agosto de 1928, 18 de agosto de 1946 e 9 de janeiro de 1957

Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

De ordem do sr. Grecci, p
 Conselho Deliberativo do São Caetano E. C., comunico a se r
 S. convocado a se r
 dia 12 do corrente, terça
 às 20 horas, na sede so
 rua Perrela n. 156, af
 em reunião conjunta, d
 acerca da seguinte or
 dia:
 a) Leitura da ata
 discussão e aprovaçã
 b) Fixação da
 realização da Asser
 ral Ordinária, con
 ceitua o art. 58
 c) Fixação da
 aprovação do bal
 1953 e relatório
 e Comissão Fis
 determina o ar

INAUGURAÇÃO DA QUADRA DE BOLA AO CESTO DO SÃO CAETANO



Momento em que o Sar. Osmar Pimentel cortava a fita simbólica inaugurando a nova quadra de cestobol do São Caetano

Uma plêiade de moços de espírito evolucionado, fundaram um periódico, o "JORNAL DE SÃO CAETANO". E o São Caetano E. C., como não podia deixar de ser, emprestou todo o seu apôio a êsses rapazes, cooperando duma maneira destacada para que se revestisse de maior brilhantismo a sessão inaugural de referido periódico Para isso, e com o fim de dar maior realce à festa, fez inaugurar a sua nova quadra de bola ao cesto, no dia 13 de Julho. Solicitou e obteve

dências da novel praça esportiva. O decorrer da partida foi um magnífico espetáculo, tendo os contendores desenvolvido uma movimentada e ardorosa luta. Vimos todavia, uma luta leal, onde acima de tudo — devemos salientar — se notou o verdadeiro espírito esportivo; proporcionou-se assim à numerosa assistência, lance empolgantes, que arrancaram de morados aplausos Foi tal o apêgo dos contendores à luta que, esgotado o tempo regulamentar, a contagem era u

100 anos



São Caetano Esporte Clube

*Criação de
Maurício Tatarunas*



promemoria.caetano
[WWW.FPM.ORG.BR](http://www.fpm.org.br)

